



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL  
MESTRADO**

**XINGAMENTO OU PRECONCEITO? UM ESTUDO SOBRE O PRECONCEITO  
RACIAL NO FUTEBOL BRASILEIRO**

**ANDREZA SILENE SILVA FERREIRA**

**João Pessoa - PB  
Fevereiro/2016**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL  
MESTRADO**

**XINGAMENTO OU PRECONCEITO? UM ESTUDO SOBRE O PRECONCEITO  
RACIAL NO FUTEBOL BRASILEIRO**

**Andreza Silene Silva Ferreira, *Mestranda*  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Raquel Rosas Torres, *Orientadora*  
Prof. Dr. José Luis Álvaro Estramiana, *Co-Orientador***

**João Pessoa - PB  
Fevereiro/2016**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL  
MESTRADO**

**XINGAMENTO OU PRECONCEITO? UM ESTUDO SOBRE O PRECONCEITO  
RACIAL NO FUTEBOL BRASILEIRO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social do Centro de Ciência Humanas e Letras da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em Psicologia Social.


**João Pessoa - PB  
Fevereiro/2016**

**ANDREZA SILENE SILVA FERREIRA**

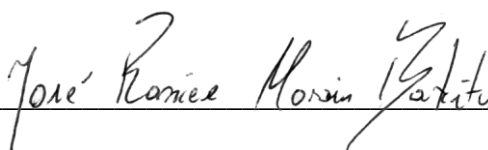
**XINGAMENTO OU PRECONCEITO? UM ESTUDO SOBRE O PRECONCEITO  
RACIAL NO FUTEBOL BRASILEIRO**

Dissertação de Mestrado avaliada em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ com conceito \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**



\_\_\_\_\_  
Profª. Dra. Ana Raquel Rosas Torres (UFPB, Orientadora)



\_\_\_\_\_  
Profª. Dr. José Roniere Morais Batista (UFCG, Membro Externo)

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Leoncio Francisco Camino Rodriguez Larrain (UFPB, Membro Interno)

**João Pessoa - PB  
Março/2016**

**A Paulo Filho, por ser a  
alegria de minha vida.**

*“A causa está oculta,  
mas o resultado é o mesmo.”*

*Ovídio*

## AGRADECIMENTOS

Sou grata ao Senhor pela sua bondade e misericórdia, e nele se alegra o meu coração; glória e louvor sejam dados ao seu santo nome.

Considero a gratidão um valor essencial e tenho muito a agradecer. Sei que é difícil agradecer a todos sem cometer injustiças, mas certamente há justiça em citar alguns nomes.

Quero agradecer à Prof<sup>a</sup>. Ana Raquel que gentilmente aceitou me orientar; sem rodeios e sem perguntas me disse sim. Sua competência, sua dedicação e sua paciência, sobretudo comigo, são fatores que contribuem para que minha admiração por seu trabalho aumente cada vez mais. Sem dúvida um exemplo de professora, pesquisadora e orientadora.

Ao Prof. José Luis por aceitar nos acompanhar nesta trajetória e pela disponibilidade em partilhar sua vasta experiência.

Aos professores Roniere Batista e Leoncio Camino pela gentileza de ler este trabalho. É uma honra tê-los como leitores.

Aos colegas do GPCP, em especial Aíla, Manu e Amanda, pela disponibilidade.

À Luciene Costa pela valorosa ajuda em toda a coleta dos dados, e acima de tudo, pela amizade que tem me dedicado; palavras não expressam minha gratidão.

À Michelly e Patrícia, amigas de todas as horas; verdadeiros presentes de Deus.

À minha família que tem sido uma forte coluna na sustentação de minha vida; exemplos de pais, irmãos, cunhados e sobrinhas, cheios de amor, carinho e abnegação; sem eles, os dias seriam mais difíceis.

A Eldo, por tornar meus dias mais fáceis e meus sonhos mais pertos; tê-lo como colega é uma dádiva, como namorado... Inexplicável.

A Paulo Filho *por todas as coisas* e por ser meu filho preferido.

## **Resumo**

Este trabalho teve como objetivo analisar em que medida o preconceito racial no futebol medeia a relação entre o uso de agressões verbais e a concordância com ações judiciais que negam a existência do preconceito racial no futebol. Adicionalmente, buscou-se analisar os discursos que as pessoas utilizam para se posicionarem diante de situações de preconceito racial no futebol e quais princípios que organizam essa tomada de posição. Para alcançar estes objetivos foi realizado um estudo exploratório e correlacional. Participaram desta pesquisa 295 estudantes de uma universidade pública do Estado da Paraíba, com idades entre 15 e 61 anos ( $M= 21$ ,  $DP = 6.01$ ) sendo 109 do sexo masculino e 185 do sexo feminino; um participante não respondeu à questão. Os resultados demonstraram que a relação entre a agressão verbal e a concordância com o posicionamento do juiz ao retirar a acusação de injúria racial foi totalmente mediada pelo preconceito. Os resultados também demonstraram que os discursos dos participantes, de um modo geral, admitem a existência do preconceito, mas ao mesmo tempo, negam a gravidade de atos preconceituosos no contexto do futebol. Tomados em conjunto, estes resultados indicam que a manifestação do preconceito racial no futebol brasileiro ocorre de forma flagrante, mesmo que nos consideremos uma democracia racial. Os discursos evidenciados indicam que os posicionamentos dos participantes variam de acordo com as ancoragens utilizadas para tais posicionamentos, seja o contexto da disputa, no qual alguns xingamentos decorrem de uma postura antiética ou são construções midiáticas, seja no contexto social, no qual os xingamentos decorrem de uma postura preconceituosa e refletem a sociedade brasileira.

Palavras chave: preconceito racial; futebol; racismo; agressão verbal.

## **Abstract**

This study aimed to examine to what extent racial prejudice in soccer mediates the relationship between the use of verbal abuse and compliance with legal actions that deny the existence of racial prejudice in soccer. In addition, we attempted to analyze the speeches that people use to position themselves in front of racial prejudice situations in soccer and what principles that organize this position paper. To achieve these objectives was carried out an exploratory and correlational study. The study gathered 295 students from a public university in the state of Paraíba, aged 15 and 61 years ( $M = 21$ ,  $SD = 6.01$ ) and 109 male and 185 female; one participant did not answer the question. The results showed that the relationship between the verbal and the agreement with the position of the judge to remove the racial slur charge was fully mediated by prejudice. The results also showed that the speech of the participants, in general, recognize the existence of the prejudice, but at the same time, refuse to gravity biased acts in the context of the soccer. Taken together, these results indicate that the manifestation of racial prejudice in brazilian soccer occur in the flagrant form, even if we consider a racial democracy. The highlighted speeches indicate that the positions of participants vary according to the anchors used for such placements, is the context of the dispute, in which some name calling stem from an unethical stance or are media constructions, either in the social context in which the name-calling arise a biased stance and reflect brazilian society.

**Key words:** racial prejudice; soccer; racism; verbal aggression.

## SUMÁRIO

Apresentação .....	11
O preconceito racial no futebol .....	17
Resumo .....	17
Introdução .....	18
Método .....	20
Participantes .....	20
Procedimentos .....	20
Instrumento.....	21
Análise dos dados.....	22
Resultados .....	23
Discussão e Conclusões .....	30
Repertórios discursivos acerca do preconceito racial no futebol .....	32
Resumo .....	32
Introdução .....	33
Método .....	36
Participantes .....	36
Procedimentos .....	37
Instrumento.....	37
Análise dos Dados .....	38
Resultados .....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
Discussão e Considerações .....	53
Considerações finais .....	55
Referências .....	56
Anexo.....	62

## **Apresentação**

O futebol, como fenômeno social contemporâneo, apresenta um conjunto de ações que incidem em práticas materiais, simbólicas e relações com ambiente e com outros indivíduos. Essas relações são demarcadas pelas relações sociais grupais, sendo crescente a diferenciação entre brancos e negros nesse contexto.

O futebol é considerado o esporte coletivo mais praticado no mundo. Sua dinâmica consiste na disputa entre duas equipes, formadas por onze jogadores cada, cujo objetivo é o gol, lançar a bola entre as traves adversárias. A disputa ocorre em um campo retangular coberto por grama com áreas demarcadas referentes a cada equipe. A partida se desenvolve em um período de noventa minutos divididos em dois tempos de quarenta e cinco, denominado tempo regular. Durante a disputa, o jogo é gerenciado pelo árbitro que se encarrega do cumprimento das normas dentro do campo e, se necessário, da ampliação do tempo de disputa. A equipe vencedora é aquela que conseguir o maior número de gols durante a partida.

Essa modalidade esportiva foi criada na Inglaterra em 1863, com a formação da Football Association e chega ao Brasil no final do século XIX, introduzido no país por Charles Miller. No contexto inglês, o futebol se desenvolveu inicialmente dentro da massa operária e os jogos ocorriam nas ruas como expressão da revolta das classes baixas. Por causa disso, o futebol era considerado um esporte menosprezado pela elite inglesa, sobretudo pelo seu desdobramento na partida que quase sempre incidia em vandalismo (Guterman, 2013).

No Brasil, ao contrário, o futebol surgiu na aristocracia paulista. Os seus praticantes eram jovens de classe alta e as primeiras equipes surgiram em clubes frequentados pela elite da sociedade da época (Daolio, 2000). Foi na chácara Dulley que foi estabelecido o primeiro campo de futebol do país. Ressalte-se que esse local já era cenário dos jogos de críquete e de

golfe, que estavam começando a ser praticados no Brasil. De fato, a elite cafeeira juntamente com os ingleses compunha o primeiro elenco futebolístico do país (Guterman, 2013).

De acordo com Mário Rodrigues Filho (2003), essa era uma época para se chamar de “branca”, pois se sabia com clareza quem era o branco e o negro, e o negro não jogava futebol em times profissionais. Os primeiros times do país eram formados por ingleses, filhos de ingleses e alemães, nenhum jogador brasileiro, muito menos negro. Neste sentido, de acordo com Soares (2001) havia uma distinção de classes e raças bem demarcada. Assim, o surgimento do futebol no Brasil tinha características tanto elitistas como racistas, talvez refletindo a organização social da época.

Em 1904, o Bangu, *The Bangu Athletic Club*, estreou com os primeiros jogadores brasileiros brancos e em 1923, o Vasco da Gama abriu as portas para os jogadores negros. De acordo com Mário Filho (2003), é a partir daí que o futebol brasileiro passa a adquirir, de forma gradual, o que hoje se considera o “futebol arte”, advindo da criatividade e genialidade dos negros. Segundo este autor, os negros aprenderam o futebol nas ruas, com bola improvisada e sem professor. Seria então, a partir deste aprendizado que o futebol atingiria o status de genuinamente brasileiro. Assim, para esse autor, seriam a privação de recursos e as dificuldades enfrentadas pelos negros que proporcionariam o desenvolvimento das aptidões para o futebol à brasileira.

Para Mário Filho (2003), a habilidade do negro para o futebol tornou-se uma ameaça ao jogo dos brancos. Os times formados apenas por jogadores brancos tinham que competir em pé de igualdade com o negro e o mulato. A conquista do campeonato pela equipe multirracial do Vasco da Gama em 1923, caracterizou uma verdadeira revolução no futebol brasileiro, pois marcou o início da apropriação do futebol pelo negro, levando a uma integração racial e uma democratização do futebol brasileiro.

Para Soares (2001) esta visão busca mostrar a ascensão social do negro mediante o poder democrático do futebol, bem como o fortalecimento da ideologia da democracia racial e a superação do racismo. A conquista do futebol pelo negro é vista através de uma ótica um tanto quanto romântica, na qual os negros após um percurso de lutas triunfam, no futebol. Ela representa também uma visão essencialista uma vez que a arte de jogar futebol estaria no corpo do negro. Neste sentido, o autor afirma que “o argumento a favor do negro no futebol poderia tornar o preconceito tradicional uma virtude esportiva” (p. 30).

De fato, características como impulsividade, irracionalidade, ginga e malícia são as principais referências utilizadas na descrição da prática futebolística dos negros. Tal descrição reforça a ideia de que os negros são naturalmente bons para as atividades que exijam força física e expressões corporais, mas não fazem referência as capacidades intelectuais desse grupo. Essa noção de primazia dos negros para as habilidades corporais teria como função manter a hierarquia social e indicar o lugar que os negros deveriam ocupar na sociedade (Abrahão & Soares, 2009; Daolio, 2000; Domingos, 2015; Santos, 2014; Soares, 2001 ).

Não obstante, o sucesso do futebol à brasileira também remete a uma visão positiva do negro inserindo-o na representação nacional. As vitórias dos times miscigenados, incluindo a seleção brasileira vão dando suporte ao processo de construção da identidade brasileira por meio do futebol (Mário Filho, 2003). Todavia Soares (2000) enfatiza que o discurso de integração social e de unidade e totalidade dos indivíduos é uma tentativa de demonstrar uma possível superação do racismo nas décadas de 1930 e 1940, uma vez que o Brasil teria passado da escravidão para a integração racial em pouco tempo via mestiçagem. Assim, a miscigenação racial no futebol intensificaria a unidade nacional e ocultaria um sistema de desigualdade sob o argumento da democracia racial (Domingos, 2015).

A noção de democracia racial é apresentada por Gilberto Freyre em *Casa Grande e Senzala* (1933). Neste livro, ele defende que o processo de mestiçagem ocasionou um

enriquecimento cultural, contribuindo para uma harmonia nas relações raciais no Brasil. Essa ideia é contestada por Florestan Fernandes (2015), que argumentou que as desigualdades raciais e a discriminação, geradas no processo histórico-cultural da escravidão, faziam parte da realidade brasileira. Neste sentido, a democracia racial no Brasil seria uma utopia.

De fato, a libertação dos escravos não proporcionou uma condição econômica, política e social favorável. Pelo contrário, os negros ocupavam as camadas sociais mais baixas da população. Em virtude disso, o mito da democracia racial camuflou os aspectos raciais do negro enfatizando apenas os aspectos sociais. Como consequência desta situação, desenvolveu-se no país um preconceito racial mascarado e assistemático (Fernandes, 2015). Para este autor, havia um “preconceito retroativo”, as pessoas evitavam falar de um fenômeno que elas admitiam existir e embora considerassem vergonhoso assumir tal atitude, praticavam a discriminação.

Atualmente no Brasil ainda existem posicionamentos ambivalentes em relação ao negro. Se por um lado o país se considera uma democracia racial, por outro, mantém práticas sociais e culturais que reproduzem hierarquias raciais. Essa contradição se reflete na situação econômica e social dos negros, dado que os negros ainda ocupam as camadas sociais mais baixas da população (IBGE, 2014). Neste sentido, os negros continuam vivenciando um processo de exclusão social, decorrente de situações discriminatórias nas quais se desenvolve o preconceito (Camino, Silva, Machado, & Pereira, 2001). Assim, a desigualdade entre negros e brancos teria por função a manutenção das hierarquias sociais vinculadas às pertencas raciais, e conseqüentemente, consistiria em um preconceito racial (Munanga, 2007).

Neste sentido, é possível afirmar que o mito da democracia racial tem revestido o racismo de brasileiro de normas anti-racistas acarretando em expressões mais sutis e veladas do preconceito racial desde muito cedo (Lima & Vala, 2004). Diante disso, Camino et al. (2001) afirmam que, por serem veladas, tais expressões de preconceito racial são eficazes na função de discriminar e também difíceis de serem erradicadas. Para estes autores embora as normas

anti-racistas eliminem a demonstração de atitudes pessoais preconceituosas, não evitam a visão do Brasil como um país discriminador.

No contexto do futebol, também pode ser observada a prevalência de comportamentos preconceituosos dirigidos aos negros. Ainda que o futebol brasileiro seja considerado um instrumento de inclusão e de ascensão social dos negros, bem como um mecanismo de consolidação da identidade nacional (DaMatta, 1994; Helal, 1997; Guterman, 2013; Daolio, 2000, Santos, 2014), ainda não conseguiu suplantar o preconceito racial. E mesmo com as pressões normativas e a proibição de expressões abertas de racismos, o preconceito racial e a discriminação tem se manifestado de forma crescente neste contexto (Barradas & Lopes, 2013; Cervi, 2014; Giglio, Tonini, & Rubio, 2014; Rodrigues, 2013; Santos, 2014; Santos, Capraro, & Lise, 2010).

Isto porque o futebol está permeado pelo pensamento e pelas interações simbólicas desenvolvidas no contexto social. A esse respeito DaMatta (1994) afirma que o futebol retrata a sociedade brasileira, na medida que reflete suas características. Para Giglio et al. (2014) as manifestações do preconceito racial no contexto do futebol refletem a estrutura racista de nossa sociedade. Para estes autores é no momento da disputa e por meio da competição que o preconceito racial se manifesta em demasia.

A mídia tem divulgado diversos casos de discriminação e preconceito racial no futebol. Xingamentos de “macaco” e “preto fedido” e atos como jogar bananas para jogadores negros são exemplos de como este fenômeno tem se manifestado neste contexto. Considerando que expressões abertas de racismos são restringidas por normas anti-discriminatórias é possível afirmar que esses eventos são percebidos no Brasil como um ato racista? Quais justificativas as pessoas utilizam para se posicionarem diante desta questão? É possível afirmar que atos dessa natureza se devem apenas a manifestações de agressão verbal, como ato de xingar, ou tais ações refletem atitudes preconceituosas?

Neste contexto, este trabalho teve como objetivo analisar em que medida o preconceito racial no futebol medeia a relação entre o uso de agressões verbais e a concordância com ações judiciais que negam a existência do preconceito racial no futebol. Adicionalmente, buscou-se analisar os discursos que as pessoas utilizam para se posicionarem diante de situações de preconceito racial no futebol e quais princípios organizam essa tomada de posição.

Para alcançar os objetivos propostos, esta dissertação foi organizada em dois artigos empíricos. O primeiro de cunho quantitativo e correlacional analisou como o preconceito racial medeia a relação entre o uso de agressões verbais e a concordância com ações judiciais que negam a existência do preconceito racial no futebol. Já o segundo de caráter qualitativo e exploratório buscou analisar os discursos que as pessoas utilizam para se posicionarem diante de situações de preconceito racial no futebol e quais princípios organizam essa tomada de posição.

## **O preconceito racial no futebol**

### **Resumo**

Este trabalho teve como objetivo analisar em que medida a existência do preconceito racial no futebol medeia a relação entre o uso de agressões verbais de cunho racistas e a concordância com ações judiciais que negam a existência do preconceito racial no futebol. Participaram desta pesquisa 295 estudantes universitários da Paraíba, com idades entre 15 e 61 anos ( $M = 21$ ,  $DP = 6,01$ ) sendo 109 do sexo masculino e 185 do sexo feminino. Os resultados indicaram que a variável “existência do preconceito racial” mediou totalmente a relação entre a agressão verbal e a concordância com as ações judiciais. Assim, as agressões verbais só predizem essa concordância na presença do preconceito. Esse resultado é importante porque, de uma maneira geral, os brasileiros negam que são preconceituosos, mas quando analisado de maneira mais sutil, o preconceito racial mostra seu poder nefasto no contexto do futebol.

Palavras-chave: preconceito no futebol, agressão verbal, racismo no esporte.

## **Introdução**

O futebol é considerado o maior fenômeno social do Brasil (Guterman, 2013) sendo visto como uma verdadeira “paixão nacional”. Seus torcedores se distribuem em todas as camadas sociais. Assim, o futebol refletiria a diversidade de manifestações sociais e culturais de nossa sociedade. Neste sentido, o futebol transcenderia o jogo esportivo e abarcaria as interações simbólicas desenvolvidas no seio da sociedade brasileira.

Ao se observar o futebol por esta ótica, admite-se que sua organização pode representar as dinâmicas das relações econômicas, políticas, raciais da sociedade na qual se manifesta (Guterman, 2013; Rodrigues, 2013). Essas dinâmicas compreenderiam as relações entre os grupos e marcariam as posições simbólicas que cada grupo ocupa na sociedade. Assim, atitudes, valores, representações, normas e comportamentos sociais seriam elementos importantes da arena do futebol brasileiro. Neste artigo nos interessa, especificamente, as relações interraciais e potencialmente preconceituosas que existem no contexto do futebol brasileiro.

Mas como falar de preconceito racial em uma sociedade que se considera uma democracia racial? No Brasil, a miscigenação racial tem caracterizado a formação do povo brasileiro e, de certa forma, tem também favorecido a crença no Mito da Democracia racial indicando a inexistência do preconceito e da discriminação entre brancos, negros e índios. Este tipo de discurso tenta minimizar o processo de exclusão sofrido pelos negros, negando a existência de diferenças raciais decorrentes do período de escravidão (Camino et al., 2013).

De fato, o mito da democracia racial revestiu o racismo brasileiro de uma precocidade de normas anti-racistas, gerando expressões do racismo mais sutis e veladas desde muito cedo. (Lima & Vala, 2004). Entretanto, devemos considerar que atitudes preconceituosas são geradas em situações concretas de discriminação (Camino et al, 2001; Batista, Leite, Torres, & Camino, 2014), e assim como em outros países, o Brasil também tem situações de discriminação racial.

Os primeiros trabalhos sobre preconceito em psicologia social surgem no início do século XX e Gordon Allport foi um dos primeiros a escrever sobre o tema. Allport (1954) define preconceito como sendo “uma antipatia baseada numa generalização errada e inflexível. Ela pode ser sentida ou abertamente expressa. Ela pode ser dirigida a um grupo como um todo ou a um indivíduo por ser membro de tal grupo” (p.10).

Brown (2010) amplia essa definição afirmando que o preconceito não se apresenta somente na forma de avaliações e crenças negativas, mas está profundamente relacionado às práticas discriminatórias frente a determinados grupos sociais. Deste modo, o preconceito constitui-se como um processo grupal e como tal deve ser compreendido nas relações que se estabelecem entre os grupos sociais e deve incluir as lutas de poder e o sistema de crenças sobre o que não é socialmente permitido.

Nesta perspectiva, o preconceito é considerado como sendo a prática de atitudes sociais depreciativas, a expressão de afetos negativos, a manifestação de comportamento hostil ou discriminatório dirigidos a membros de um grupo por pertencerem a esse grupo. Assim, o preconceito é um fenômeno que pode ser compreendido em três níveis: atitudinal, emocional e comportamental. Neste sentido, o preconceito pode se manifestar de várias formas e suas expressões incluem diversas motivações ocasionando sérias consequências sociais como diferenças socioeconômicas e discriminação racial (Brown, 2010).

No que se refere ao contexto do futebol, temos visto frequentemente notícias que apontam a existência da discriminação racial no futebol mundial. O relatório elaborado em 2009 em nome da *EU Agency for Fundamental Rights (FRA)* demonstrou que o racismo e a Xenofobia são problemas evidentes no Futebol Europeu. Diversos incidentes ocorridos em 2009 mostraram cenas explícitas de racismo e discriminação contra os jogadores negros e de outras nacionalidades que atuavam na Europa (Peucker, 2009). Diversos estudos têm mostrado que o racismo também tem se manifestado de forma crescente no futebol brasileiro nas duas

últimas décadas (Barradas & Lopes, 2013; Giglio, Tonini, & Rubio, 2014; Rodrigues, 2013; Santos, Capraro, & Lise, 2010).

No entanto, da mesma forma que ocorre em outros contextos (Álvaro et al., 2015; Batista et al., 2014; Camino et al., 2013; Camino et al., 2001; Fernandes, Almeida, & Nascimento, 2008), no futebol, por vezes expressões preconceituosas não são vistas como tal, mas como produto circunstancial resultado do calor das emoções. Os xingamentos, neste contexto, mesmo contendo conteúdos de preconceito racial, seriam percebidos apenas como uma agressão puramente verbal “normal”, uma vez que seria aceitável usar qualquer estratégia para depreciar o time adversário (Giglio et al., 2014).

Assim, tendo essas ideias em tela, nosso objetivo neste trabalho foi analisar em que medida o preconceito racial no futebol medeia a relação entre o uso de agressões verbais e a concordância com ações judiciais que negam a existência do preconceito racial no futebol.

## **Método**

### *Participantes*

Participaram desta pesquisa 295 estudantes de uma universidade pública do Estado da Paraíba, com idades entre 15 e 61 anos ( $M = 21$ ,  $DP = 6.01$ ) sendo 109 do sexo masculino e 185 do sexo feminino; um participante não respondeu à questão. A amostra foi de conveniência (não probabilística) na qual os indivíduos, sendo convidados, participaram voluntariamente.

### *Procedimentos*

Os estudantes foram abordados em sala de aula mediante autorização do professor e solicitados a participarem da pesquisa. Foram orientados acerca da natureza da pesquisa e do

procedimento de resposta do questionário. Foi informado que a pesquisa teria caráter confidencial e que os dados seriam tratados estatisticamente em conjunto, assegurando o anonimato dos participantes. Após o consentimento manifesto em participar da pesquisa, os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Foram atendidas todas as recomendações e cuidados éticos prescritos na resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

### *Instrumento*

Para alcance dos objetivos propostos, foi utilizado um questionário que iniciava com uma história desenvolvida a partir de situações ocorridas nos jogos de futebol na qual um torcedor de um time de futebol xinga um jogador do time adversário com termos depreciativos relacionados à sua cor (e.g. macaco, negro fedido e negro safado). Por causa disso, o torcedor foi acusado de injúria racial, entretanto, o processo foi suspenso pelo juiz responsável, que determinou que o torcedor teria apenas que se apresentar à delegacia antes de comparecer a um jogo no estádio de futebol.

Logo após ler a história, os participantes respondiam a perguntas sobre suas características sociodemográficas (idade e sexo). Em seguida, havia um item, em formato Likert de sete pontos, referente à utilização de agressões verbais no futebol (ex.: numa partida de futebol, influenciado pelo contexto, indique as chances de você xingar o time adversário). Este item foi utilizado como a variável independente (VI) deste estudo.

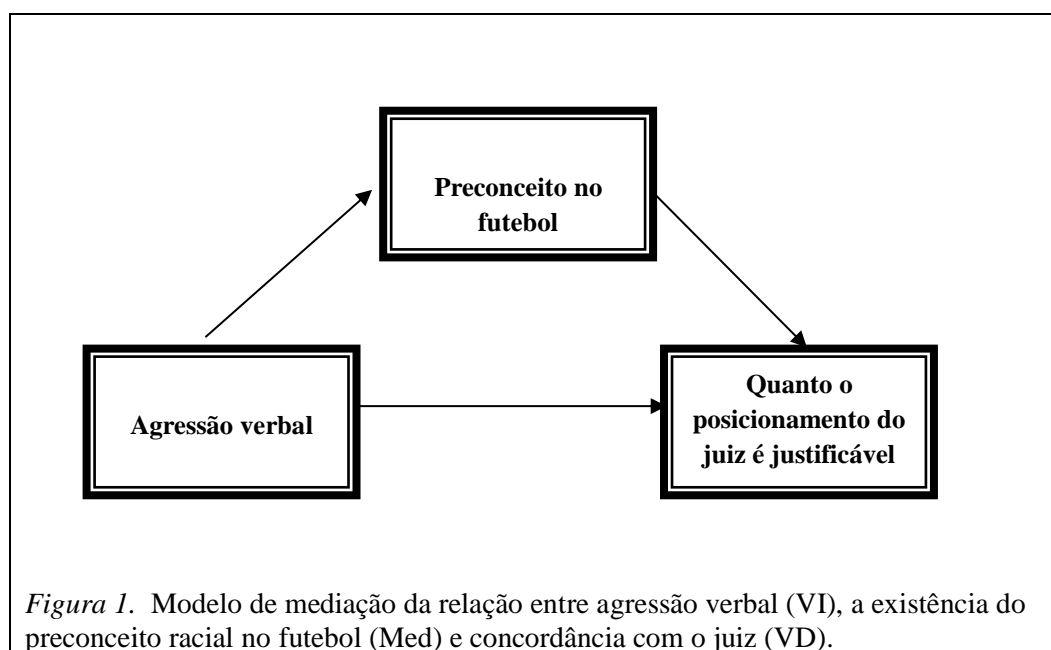
Posteriormente, os participantes respondiam a um conjunto de 4 itens referentes à existência do preconceito racial no futebol (ex.: numa partida de futebol, influenciado pelo contexto, você poderia chegar a usar termos referentes à cor para se referir ao time adversário). Estes itens foram agrupados para formar um indicador de preconceito ( $\text{Alpha} = 0,69$ ). Este indicador foi utilizado como a variável mediadora (Med) nas análises realizadas. Finalmente,

foi perguntado se o participante concordava com a suspensão do processo de injúria racial determinado pelo juiz (O quanto você concorda que o posicionamento do juiz é justificável?) e se ele agiria da mesma forma que o juiz (Se você estivesse no lugar do juiz faria a mesma forma?). Esses dois itens são as duas variáveis dependentes (VDs) deste trabalho.

### *Análise dos dados*

Os dados referentes aos itens sociodemográficos e os cálculos de regressão foram analisadas por meio do *software* SPSS – 18 para *Windows* e as análises de mediação por meio do Amos 18.

As análises de mediação foram realizadas segundo a análise passo a passo dos caminhos propostos por Baron e Kenny (1986) e foi utilizado o cálculo do intervalo de confiança para o efeito indireto obtido com a técnica *bootstrapped* de acordo com Preacher e Hayes (2004; 2008). Segundo Baron e Kenny (1986), existem quatro condições necessárias para a ocorrência da mediação: 1- a variável preditora afeta significativamente a variável mediadora; 2- a variável preditora afeta significativamente a variável dependente (VD) na falta da variável mediadora; 3- a variável mediadora tem efeito significativo único sobre a VD, quando a variável preditora é controlada; e 4- o efeito da variável preditora sobre a VD enfraquece ou desaparece no momento da adição da variável mediadora. Assim, sendo o modelo de mediação testado neste trabalho (Figura 1) é que a agressão verbal prediz a concordância com o juiz. No entanto, esta relação é mediada pela existência do preconceito racial no futebol. Isso significa que quando a variável mediadora é incluída na equação, a relação entre a agressão verbal e a concordância com o juiz será enfraquecida (mediação parcial) ou desaparece (mediação total).



## Resultados

Inicialmente, seguindo as indicações de Baron e Kenny (1986), foi realizada uma análise de regressão com o objetivo de verificar como a agressão verbal está relacionada com a concordância do quanto o posicionamento do juiz é considerado justificável (Tabela 1).

Tabela 1.

*Regressão Linear do quanto o posicionamento do juiz é considerado justificável em função da agressão verbal no futebol.*

O quanto o posicionamento do juiz é justificável				
Preditor	B	Beta	T	p <
Agressão verbal	0.20	0.22	3.89	0.001
Coeficiente de regressão	R = 0.22; R <sup>2</sup> = 0.04			
Variância explicada	R <sup>2</sup> ajustado = 0.04			
Teste estatístico	F (1, 293) = 15.162; p < 0.001			

Os resultados demonstraram que quanto maior os índices de agressão verbal no futebol mais o posicionamento do juiz é considerado justificável. Em seguida foi realizada uma regressão que teve como variável dependente o quanto o posicionamento do juiz é considerado justificável e como variável independente a existência do preconceito racial. Observou-se uma associação significativa entre o preditor e a variável dependente que pode ser observada na Tabela 2.

Tabela 2.

*Regressão Linear do quanto o posicionamento do juiz é considerado justificável em função da existência do preconceito racial no futebol.*

O quanto o posicionamento do juiz é justificável				
Preditor	<i>B</i>	<i>Beta</i>	<i>T</i>	<i>p</i> <
Preconceito no futebol	0.79	0.79	10.14	0.001
Coeficiente de regressão	R = 0.51; R <sup>2</sup> = 0.26			
Variância explicada	R <sup>2</sup> ajustado = 0.25			
Teste estatístico	F (1, 293) = 102.90; p < 0.001			

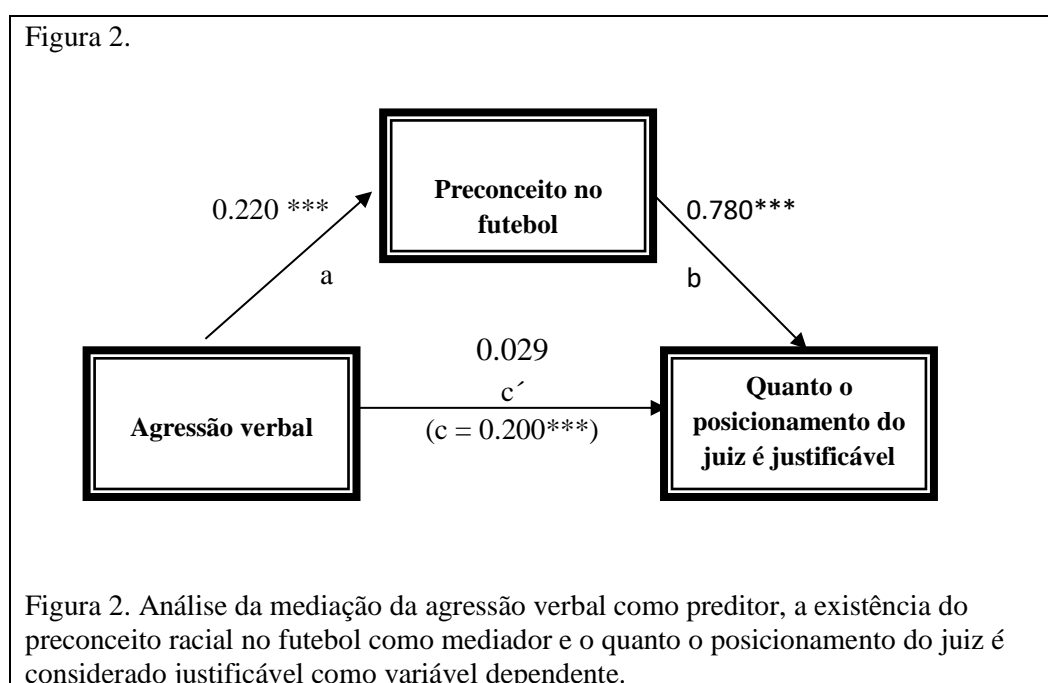
Os resultados demonstraram que quanto maior o preconceito mais o posicionamento do juiz é considerado justificável. A fim de verificar a real contribuição da agressão verbal no quanto o posicionamento do juiz é considerado justificável diante de uma situação de preconceito racial no futebol, foi feita a terceira análise de regressão múltipla tendo como variáveis preditoras a agressão verbal e a existência do preconceito racial e como variável dependente o quanto o posicionamento do juiz é considerado justificável (Tabela 3).

Tabela 3.

*Regressão Múltipla do quanto o posicionamento do juiz é considerado justificável em função da agressão verbal e da existência do preconceito racial no futebol.*

O quanto o posicionamento do juiz é justificável				
Preditores	<i>B</i>	<i>Beta</i>	<i>T</i>	<i>p</i> <
Agressão Verbal	0.029	0.032	0.58	0.561
Preconceito no futebol	0.78	0.50	9.142	0.001
Coefficiente de regressão	R = 0.51; R <sup>2</sup> = 0.26			
Variância explicada	R <sup>2</sup> ajustado = 0.25			
Teste estatístico	F (2, 292) = 51.507; p < 0.001			

Tendo em vista a redução do efeito principal da agressão verbal sobre o posicionamento do juiz, procederam-se as análises de mediação (Figura 2), tendo como variável preditora a agressão verbal, como variável mediadora a existência do preconceito racial e como variável dependente o quanto o posicionamento do juiz é considerado justificável.



Como observado na Figura 2, o efeito da agressão verbal sobre o quanto o posicionamento do juiz é considerado justificável foi mediado pela existência do preconceito racial (Teste de Sobel,  $Z = 5.78795$ ;  $p < 0.001$ ). O efeito total da agressão verbal no quanto o posicionamento do juiz é considerado justificável foi significativo,  $c = 0.200$ ,  $p < 0.001$ ,  $T(293) = 3.894$ ,  $p < 0.001$ ; bem como previu significativamente a variável mediadora  $a = 0.220$ ,  $p < 0.001$ ,  $T(293) = 7.076$ ,  $p < 0.001$ . A variável a existência do preconceito racial previu significativamente a variável o quanto o posicionamento do juiz é considerado justificável  $b = 0.780$ ,  $p < 0.001$ ,  $T(293) = 10.144$ ,  $p < 0.001$ . O efeito direto da agressão no quanto o posicionamento do juiz é considerado justificável, controlando o efeito do preconceito foi de  $c' = 0.029$ ,  $p = 0.561$ ,  $T(293) = 0.582$ ,  $p < 0.561$ .

O procedimento *bootstrapped* foi realizado para determinar a significância do efeito indireto  $ab$ , no valor de 0.05, onde foram solicitadas 2000 reposições de amostragem com os ajustes *bias-corrected* e *accelerated confidence*. Ao nível de significância de 95%, foi obtido um IC com intervalo entre 0.118 e 0.237. Desta forma, o preconceito mediou totalmente a relação entre a agressão verbal e o quanto o posicionamento do juiz é considerado justificável.

Seguindo os mesmos passos, buscou-se verificar como a agressão verbal no futebol se relaciona com a probabilidade do participante agir da mesma forma se estivesse no lugar do juiz e como essa relação é afetada pela existência do preconceito racial no futebol. Observou-se uma associação positiva entre a agressão verbal no contexto do futebol e a concordância com o posicionamento do juiz ao retirar a acusação de injúria racial (Tabela 4).

Tabela 4.

*Regressão Linear da probabilidade do participante agir da mesma forma se estivesse no lugar do juiz em função da agressão verbal no futebol.*

Faria da mesma forma que o juiz				
Preditor	B	Beta	T	p<
Agressão verbal	0.16	0.17	3.09	0.05
Coeficiente de regressão	R = 0.17; R <sup>2</sup> = 0.03			
Variância explicada	R <sup>2</sup> ajustado = 0.02			
Teste estatístico	F (1,293) = 9.573; p < 0.05			

Igualmente, observou-se uma associação significativa entre a existência do preconceito racial no futebol e a probabilidade do participante agir da mesma forma se estivesse no lugar do juiz que pode ser observada na Tabela 4. Os resultados demonstraram que quanto maior a existência do preconceito racial no futebol maior a probabilidade dos participantes agirem da mesma forma que o juiz.

Tabela 5.

*Regressão Linear da probabilidade do participante agir da mesma forma se estivesse no lugar do juiz em função do preconceito contra negros no futebol.*

Faria da mesma forma que o juiz				
Preditor	B	Beta	T	p<
Preconceito no futebol	0.82	0.52	10.54	0.001
Coeficiente de regressão	R = 0.52; R <sup>2</sup> = 0.27			
Variância explicada	R <sup>2</sup> ajustado = 0.27			
Teste estatístico	F (1, 293) = 111.15; p < 0.001			

A fim de verificar a real contribuição da agressão verbal na probabilidade do participante agir da mesma forma que o juiz diante de uma situação de preconceito racial no

futebol, foi feita a terceira análise de regressão múltipla tendo como variáveis preditoras a agressão verbal e a existência do preconceito racial e como variável dependente na probabilidade do participante agir da mesma forma que o juiz.

Tabela 6.

*Regressão Múltipla da probabilidade do participante agir da mesma forma que o juiz em função da agressão verbal e da existência do preconceito racial no futebol.*

Faria da mesma forma que o juiz				
Preditores	<i>B</i>	<i>Beta</i>	<i>T</i>	<i>p</i> <
Agressão Verbal	-0.02	-0.02	-0.49	0.626
Preconceito no futebol	0.84	0.53	9.92	0.001
Coeficiente de regressão	R = 0.52; R <sup>2</sup> = 0.28			
Variância explicada	R <sup>2</sup> ajustado = 0.27			
Teste estatístico	F (2, 292) = 55.553; p < 0.001			

A segunda mediação (Figura 3), da mesma forma que a mediação anterior, teve como variável preditora a agressão verbal, como variável mediadora a existência do preconceito racial no futebol, mudando apenas a variável dependente, que neste caso é a probabilidade do participante agir da mesma forma se estivesse no lugar do juiz.

Figura 3.

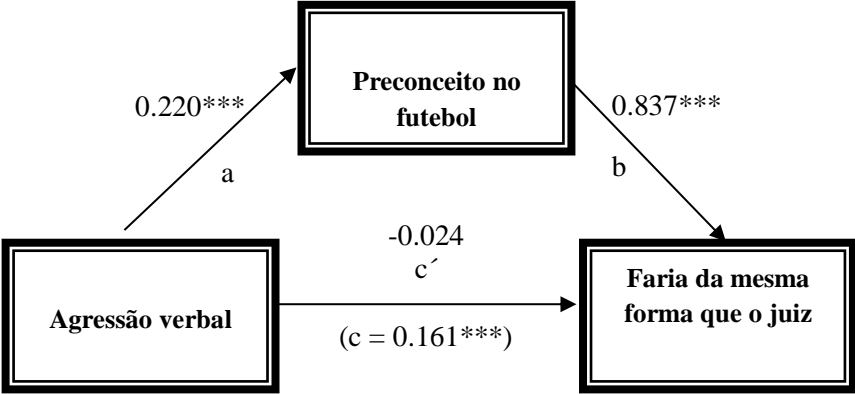


Figura 3. Análise da mediação da agressão verbal como preditor, a existência do preconceito racial no futebol como mediador e a probabilidade do participante agir da mesma forma se estivesse no lugar do juiz como variável dependente.

Na Figura 3, observa-se que o efeito da agressão verbal sobre a probabilidade do participante agir da mesma forma se estivesse no lugar do juiz foi mediado pela existência do preconceito racial (Teste de Sobel,  $Z = 5.86606$ ;  $p < 0.001$ ). O efeito total da agressão verbal na probabilidade do participante agir da mesma forma se estivesse no lugar do juiz foi significativo,  $c = 0.161$ ,  $p < 0.002$ ,  $T(293) = 10.62$ ,  $p < 0.001$ ; bem como previu significativamente a variável mediadora  $a = 0.220$ ,  $p < 0.001$ ,  $T(293) = 10.701$ ,  $p < 0.001$ . A variável preconceito no futebol previu significativamente a probabilidade do participante agir da mesma forma se estivesse no lugar do juiz  $b = 0.837$ ,  $p < 0.001$ ,  $T(293) = 10.543$ ,  $p < 0.001$ . O efeito direto da agressão verbal na probabilidade do participante agir da mesma forma se estivesse no lugar do juiz, controlando o efeito da existência do preconceito racial foi de  $c' = -0.024$ ,  $p = 0.626$ ,  $T(293) = -0.488$ ,  $p < 0.626$ .

O procedimento *bootstrapped* foi realizado para determinar a significância do efeito indireto  $ab$ , no valor de 0.05, onde foram solicitadas 2000 reposições de amostragem com os ajustes *bias-corrected* e *accelerated confidence*. Ao nível de significância de 95%, foi obtido

um IC com intervalo entre 0.053 e 0.273. Desta forma, a existência do preconceito racial mediou totalmente a relação entre a agressão verbal e a probabilidade de o participante agir da mesma forma se estivesse no lugar do juiz.

## **Discussão e Conclusões**

Em conjunto, os resultados indicam que a agressão verbal prediz tanto a concordância com o posicionamento do juiz ao retirar a acusação de injúria racial como probabilidade do participante agir da mesma forma que o juiz. No entanto, essa predição só ocorre na presença da existência do preconceito racial. Dito de outra forma, em um momento de competição ou conflito, todos nós podemos xingar o opositor (e.g. ladrão), mas esse xingamento só vai se revestir de conteúdos racistas (e.g. macaco, preto fedido etc.) se já existir uma atitude preconceituosa prévia. Embora no primeiro momento esse resultado possa parecer tautológico, ele é importante porque, de uma maneira geral, os brasileiros negam que são preconceituosos (Batista et al., 2014; Camino et al., 2001 e Turra & Venturi, 1995) e o que esses resultados indicam é que, quando analisado de maneira mais sutil, o preconceito racial mostra seu poder nefasto no contexto do futebol.

Estudos têm demonstrado que devido às constantes expressões de agressão verbal no contexto do futebol, a utilização de expressões com termos referentes à cor tende a ser vista como sendo apenas uma agressão verbal destituída de atitudes preconceituosas (Barradas & Lopes, 2013; Cervi, 2014; Giglio, Tonini & Rubio, 2014; Santos, Capraro & Lise, 2010). De acordo com Cabecinhas (2008) o uso de insultos e expressões ofensivas tem como intuito demonstrar a superioridade de um grupo sobre o outro. Essa ideia corrobora a perspectiva de Camino e Pereira (2000) na qual o preconceito decorre da organização das relações de poder

entre os grupos, em que as representações ideológicas justificam a expressão de atitudes depreciativas e comportamentos discriminatórios.

Nesta mesma linha Cervi (2014) afirma que, no contexto de futebol, as piadas também podem esconder formas de intolerância, apontando que o riso seria uma forma de desacreditar a vítima, uma vez que piadas não devem ser levadas em consideração. Assim, o uso de alguns termos, piadas e frases jocosas no futebol teriam como objetivo inferiorizar o grupo minoritário. No caso dos jogadores negros isso ocorreria por meio do uso de termos referentes à cor da pele e ao cabelo.

Para Giglio et al. (2014), as manifestações do preconceito racial no contexto do futebol refletiriam a estrutura racista de nossa sociedade. Para estes autores é no momento da disputa e por meio da competição que o preconceito racial se manifestaria de maneira inequívoca porque as normas sociais que coíbem as expressões abertas de preconceito racial não seriam suficientes para impedir manifestações desta natureza. Isso, no nosso entendimento, é o que ocorre nos nossos resultados.

Por fim, consideramos que a amostra composta apenas de estudantes universitários poderia se constituir em uma das limitações deste trabalho. Assim estudos futuros poderiam ser feito junto às torcidas organizadas dos times de futebol, uma vez que notícias sobre a violência entre esses grupos são frequentes na mídia nacional e internacional. Outro aspecto que julgamos importante para futuros estudos diz respeito à inclusão de instrumentos sobre normas sociais, seguindo o Modelo da Discriminação Justificada, proposto por Pereira e Vala (2010) e a adesão a sistemas de valores, como feito por Álvaro et al. (2015).

## **Repertórios discursivos acerca do preconceito racial no futebol**

### **Resumo**

O objetivo deste trabalho foi analisar os discursos que as pessoas utilizam para se posicionarem diante de situações de preconceito racial no futebol e quais princípios organizam essa tomada de posição. Para tanto, participaram desta pesquisa 295 estudantes universitários da Paraíba, com idades entre 15 e 61 anos ( $M= 21$ ,  $DP = 6,01$ ) sendo 109 do sexo masculino e 185 do sexo feminino. Foi utilizado um questionário no qual os participantes respondiam a perguntas sobre uma situação fictícia de preconceito racial no futebol. Os resultados demonstraram que, por um lado, os discursos admitem a existência do preconceito racial no futebol, mas por outro, esse preconceito é visto apenas como uma expressão de emoções intrínseca à disputa entre os clubes. Neste sentido, os discursos acerca do preconceito racial no futebol refletem a maneira como o negro tem sido percebido na sociedade brasileira, tendo como principal consequência social a legitimação das desigualdades raciais existentes entre brancos e negros.

Palavras-chave: preconceito no futebol; futebol brasileiro; discursos raciais.

## Introdução

No Brasil, a miscigenação racial caracterizou o processo das relações raciais e favoreceu a crença no Mito da Democracia racial no qual se fundamenta a ideia de que existiria uma convivência harmônica entre brancos, negros e índios. Entretanto, os processos de exclusão social que vivenciam os índios e negros no país podem ser indicativos de que estas relações não são tão harmônicas (Torres, Martignoni, & Oliveira, 2011; Camino et al., 2013).

De acordo com o IBGE (2014) dentre os 10% mais pobres da população, 75% eram pretos ou pardos e 23,9%, brancos. Já referente aos 1% mais ricos da população, apenas 14,6% eram pretos ou pardos, contra 83,6% dos brancos. No que se refere aos rendimentos por décimos, segundo a cor ou raça, no primeiro décimo, estão 13,8% da população preta ou parda e 5,5% dos brancos em 2013. No décimo com maiores rendimentos, o padrão se inverte, com 15,9% dos brancos e 4,8% dos pretos ou pardos.

Essa configuração econômica sugere que os negros ainda ocupam as camadas sociais mais baixas de nossa população. Neste sentido, a categoria racial indicaria uma condição de vantagens para os brancos e de exclusão e desvantagem para os negros (Munanga, 2007). Neste caso, a condição social do negro não se caracterizaria apenas pelo aspecto econômico, mas estaria associado aos processos de exclusão social, decorrentes da discriminação nas quais se desenvolve o preconceito (Camino et al., 2001).

Numa das primeiras obras em psicologia social acerca do preconceito *The Nature of Prejudice*, Allport (1954) definiu o preconceito como sendo um sentimento de antipatia baseado numa generalização errada e inflexível, podendo ser sentida ou expresso abertamente, e direcionado a um grupo ou a um de seus membros pelo fato de pertencer a esse grupo. Essa definição serviu de base para o desenvolvimento das principais perspectivas atuais na análise

do preconceito e continua sendo uma das mais utilizadas no estudo do tema (Fleury & Torres, 2007).

Brown (2010) afirma ainda que o preconceito não se apresenta apenas em forma de avaliações e crenças negativas sobre os grupos, mas inclui práticas discriminatórias dirigidas a esses grupos. Assim, o preconceito constitui-se como um processo grupal, construído nas relações sociais e pelas lutas de poder entre majorias e minorias. Tal processo estabelece as relações entre brancos e negros desde a colonização e marca a discriminação do negro pelo branco no Brasil.

Diversas pesquisas realizadas na Paraíba têm buscado evidenciar os diversos contextos nos quais têm se manifestado o preconceito racial e a discriminação contra os negros (Álvaro et al., 2015; Batista et al., 2014; Camino et al., 2014; Camino et al., 2013a; Camino et al., 2013b). Em conjunto essas pesquisas demonstram que embora as normas anti-discriminatórias coíbam expressões abertas do preconceito racial observa-se que estas não são suficientes para impedirem manifestações de preconceito. Assim, em nossa sociedade alguns comportamentos preconceituosos parecem estar difundidos no tecido social e em alguns contextos escapam do controle normativo (Munanga, 2007). Entre estes contextos encontra-se o futebol brasileiro.

Sistematicamente a mídia tem divulgado eventos que demonstram a expressão de preconceito racial contra jogadores negros. Agressões verbais como xingar de “macaco” ou “preto fedido” são alguns exemplos de como este fenômeno tem se manifestado no esporte brasileiro, neste caso, no futebol. Estas expressões preconceituosas são, em certa medida, um indício de que o preconceito no futebol brasileiro não tem sido minimizado diante das normas que coíbem tais atos (Barradas & Lopes, 2013; Cervi, 2014; Giglio et al., 2014; Lima, 2013; Santos et al., 2010).

Para Lima (2013), o futebol é um contexto de bastante evidência no qual se produzem e reproduzem tanto desigualdades sociais quanto raciais. Entretanto, no contexto do futebol

brasileiro, a utilização de expressões de caráter racista tende a ser vista como brincadeiras próprias do contexto do futebol (Cervi, 2014). Deste modo, as expressões de ideias, sentimentos e atos negativos em relação aos negros no futebol são vistos apenas como consequências da disputa e não como expressões de preconceito racial (Barradas & Lopes, 2013; Cervi, 2014; Giglio et al., 2014; Lima, 2013; Santos et al., 2010). Essa tendência em negar a existência do preconceito racial é uma peculiaridade das relações interracialis em nossa sociedade.

De fato, no Brasil observa-se uma discrepância entre o discurso auto-referido e o discurso hetero-referido no que diz respeito ao preconceito racial. As pessoas reconhecem que existe preconceito no país, mas não assumem a responsabilidade por esse preconceito (Camino et al., 2001; Pereira, Torres & Almeida, 2003). Esse tipo de discurso ideológico se insere numa perspectiva das representações justificadoras dos processos de discriminação contra grupos minoritários (Camino & Pereira, 2000; Lima-Nunes & Camino, 2011).

De acordo com Wetherell e Potter (1996), as pessoas tendem a adaptar seus discursos a determinadas situações e contextos na defesa de seus interesses grupais e conforme as normas sociais vigentes. Neste sentido, o discurso constitui-se como a expressão de um posicionamento frente às construções e categorias de um determinado contexto social. Nesta perspectiva os discursos constituem a realidade social e, portanto, não podem ser separados dos processos sociais.

Os discursos proferidos pelos diferentes grupos sociais apresentam uma grande variabilidade em seu conteúdo e forma, de modo a tornar justas e legítimas as opiniões dos grupos, seja de forma explícita ou implícita. Assim, a variabilidade nos discursos não decorre apenas das considerações estratégicas e da orientação funcional do discurso, mas das diversas concepções que estão em conflito na sociedade. Deste modo, um discurso pode apresentar inconsistências e contradições em seu conteúdo (Billig, 1991; Potter & Wetherell, 1987).

Neste sentido, uma vez que essas contradições se inserem no quadro das relações sociais e dos diversos contextos nos quais esses discursos são proferidos, podemos supor que tais discursos se fundamentam nas representações dos objetos sociais a que se referem. Doise (1986) em seus estudos sobre representações sociais, considera que os repertórios representativos, que em certa medida se aproximam dos repertórios discursivos, se organizam por meio dos princípios que atribuem significado tanto aos aspectos consensuais quanto aos divergentes do campo representacional.

Neste contexto, consideramos que o estudo dos discursos reproduzidos pelos indivíduos deve incluir a análise dos “princípios organizadores das tomadas de posição ligadas a inserções específicas em um conjunto de relações sociais e que organizam os processos simbólicos que intervêm nessas relações” (Doise, 1990, p.125). Assim, é necessário compreender tanto os repertórios discursivos usados para justificar a tomada de posição frente a situações de discriminação como os princípios que organizam esses discursos. Neste sentido, o objetivo deste trabalho é analisar os discursos que as pessoas utilizam para se posicionarem diante de situações de preconceito racial no futebol e quais princípios organizam essa tomada de posição.

## **Método**

### *Participantes*

Participaram deste estudo 295 estudantes de uma universidade pública do Estado da Paraíba, com idades entre 15 e 61 anos ( $M= 21$ ,  $DP = 6,01$ ) sendo 109 do sexo masculino e 185 do sexo feminino; um participante não respondeu à questão. A amostra foi não-probabilística por conveniência.

## *Procedimentos*

Os estudantes foram abordados em sala de aula mediante autorização do professor e solicitados a participarem da pesquisa. Foram orientados acerca da natureza da pesquisa e do procedimento de resposta do questionário. Foi assegurado o anonimato dos participantes, bem como a confidencialidade das informações prestadas. Após o consentimento manifesto em participar da pesquisa, os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Foram atendidas todas as recomendações e cuidados éticos prescritos na resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

## *Instrumento*

Para alcance dos objetivos propostos, foi utilizado um questionário que iniciava com uma história fictícia, na qual um torcedor de um time de futebol xinga um jogador do time adversário com termos depreciativos relacionados à sua cor (e.g. macaco, negro fedido e negro safado). Em consequência disso, o jogador que foi alvo dos xingamentos, por meio do seu advogado, entrou na justiça processando o torcedor identificado e pediu uma indenização financeira pelo ocorrido.

Após ler a história o participante respondia a um item, em formato Likert de sete pontos, referente à frequência dessa situação no futebol brasileiro. Em seguida, foi pedido ao participante que escrevesse um pequeno texto justificando sua resposta. Posteriormente, ele respondia as seguintes questões: *Em sua opinião, esta situação pode ser considerada como um ato racista? Em sua opinião, a sociedade vê esta situação como um ato racista?* Em ambas perguntas o participante deveria justificar sua opinião. Foi solicitado também que o participante informasse por meio de uma escala Likert de sete pontos, o grau de concordância com a

indenização pedida pelo advogado do jogador. Logo após, o participante que concordasse com a indenização poderia atribuir um valor entre R\$1.000 e R\$100.000. Por fim, o participante respondia a questões de caráter sociodemográfico como sexo e idade.

### *Análise dos Dados*

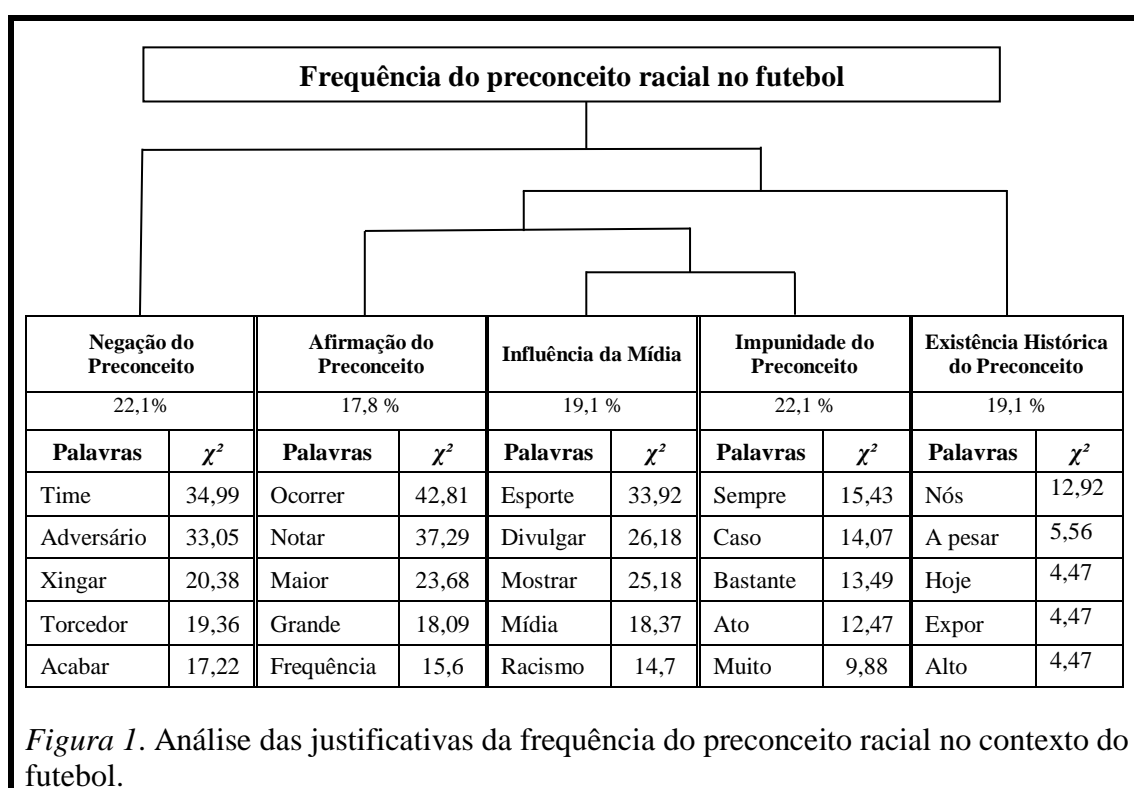
As questões abertas foram analisadas por meio da técnica da Análise Léxica. Foi utilizado o *software* Iramuteq (*Interface de R pour lês Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*) desenvolvido por Pierre Ratinaud (2009). Este *software* permite aos pesquisadores utilizarem diferentes recursos técnicos de análise lexical. Nas análises léxicas clássicas o software identifica os textos (Unidades de Contextos Iniciais - UCI), transformando-as em segmentos de textos (Unidades de Contextos Elementares - UCE), realiza a pesquisa do vocabulário e reduz as palavras com base em suas raízes, criando formas reduzidas e complementares (Camargo & Justo, 2013).

## **Resultados**

### *Análise da frequência do preconceito racial no futebol*

Referente à frequência do preconceito racial no futebol, menos da metade dos participantes (37%) acreditam que situações de preconceito racial no futebol não são tão frequentes no Brasil. Já os demais participantes (63%) acreditam que situações dessa natureza são muito frequentes. Diante disso, analisaremos quais as justificativas os participantes utilizaram para suas opiniões.

A análise do corpus através da análise léxica, após a redução dos vocábulos às suas raízes, apresentou um total de ocorrências de 6452 palavras diferentes com 1283 formas distintas. Obteve-se um Número de Textos igual a 285 (UCI), repartidos em 294 Unidades de Segmento de Textos (UCE). A Classificação Hierárquica Descendente (CHD) demonstra que a partição do corpus de análise derivou cinco classes distintas (Figura 1). A classe 1 equivalente a 22,1% das UCEs, a classe 5, equivalente 17,8% das UCEs, a classe 3 equivale a 19,1% das UCEs, a classe 4 representando 22,1% das UCEs, e por fim, a classe 2 equivalente a 19,1% das UCEs. As classes serão apresentadas de acordo com ordem apresentada na Classificação Hierárquica Descendente e nomeadas de acordo com as interpretações das UCEs.



A organização das classes foi realizada tendo como base os temas ou discursos utilizados pelos participantes para responder às respectivas questões. Os exemplos apresentados são sugeridos pelo *software*.

A classe 1 denominada “**Negação do Preconceito**” apresentou um discurso concernente ao uso da agressão durante uma partida de futebol. De acordo com os discursos os xingamentos

são decorrentes da “euforia” proporcionada pelo jogo e são utilizados para atingir o adversário emocionalmente e assim “atrapalhar” seu desempenho. Os discursos mais representativos desta classe são:

*“Os torcedores utilizam vários fatores para atrapalhar os adversários [...] acredito que na maioria dos casos não é pelo preconceito e sim para desestabilizar o psicológico do jogador”;*

*“Não creio que tenha sido um ato racista, o pessoal leva muito por esse lado, mas [...] é muito mais falta de respeito”.*

A classe 5 denominada “**Afirmação do Preconceito**” refere-se à prática do racismo no Brasil nas diversas esferas sociais. Os discursos demonstram que a frequência em que ocorre o preconceito racial no futebol é consequência das ações de alguns grupos. Neste sentido, a discriminação racial reflete a conduta social de quem a pratica. Os discursos mais representativos desta classe são:

*“Não é raro porque há certo preconceito no Brasil, um grupo de pessoas racistas e no futebol a pressão sobre os jogadores é muito grande durante as competições”;*

*“A prática do racismo em nosso país ainda é grande inclusive em estádios de futebol o que é difícil controlar quando esse tipo de insulto vem das arquibancadas”.*

A classe 3 denominada “**Influência da Mídia**” refere-se à exibição do racismo no esporte por meio da mídia. Esta classe apresenta certa ambiguidade à medida que se refere tanto a ênfase das notícias sobre alguns casos como a falta de registros de outros. De acordo com os discursos, a ocorrência de eventos racistas no esporte supera a divulgação midiática, uma vez que só são noticiados os casos considerados mais importantes pela mídia. Os discursos mais representativos desta classe são:

*“Sendo que muitas vezes alguns podem não ser divulgados pela mídia, pois os jogadores ofendidos não são protagonistas no esporte”;*

*“Acho que situações como essa ocorre na maioria das partidas de futebol [...]o que acontece é que a mídia divulga o que considera mais importante como se o racismo ofendesse a uns e outros não”.*

A classe 4 denominada “**Impunidade do Preconceito**” diz respeito ao aumento da discriminação racial no futebol. Os discursos evidenciam que os xingamentos referentes à cor do alvo são cada vez mais frequentes e apontam a falta de punição como um fator responsável pelo crescimento de atos racista no contexto do futebol. Os discursos mais representativos desta classe são:

*“Atualmente a questão do racismo no futebol vem aumentando bastante não só no futebol brasileiro, mas no mundial”;*

*“Esta situação é muito frequente no futebol brasileiro, pois não há punições mais severas para essas pessoas”.*

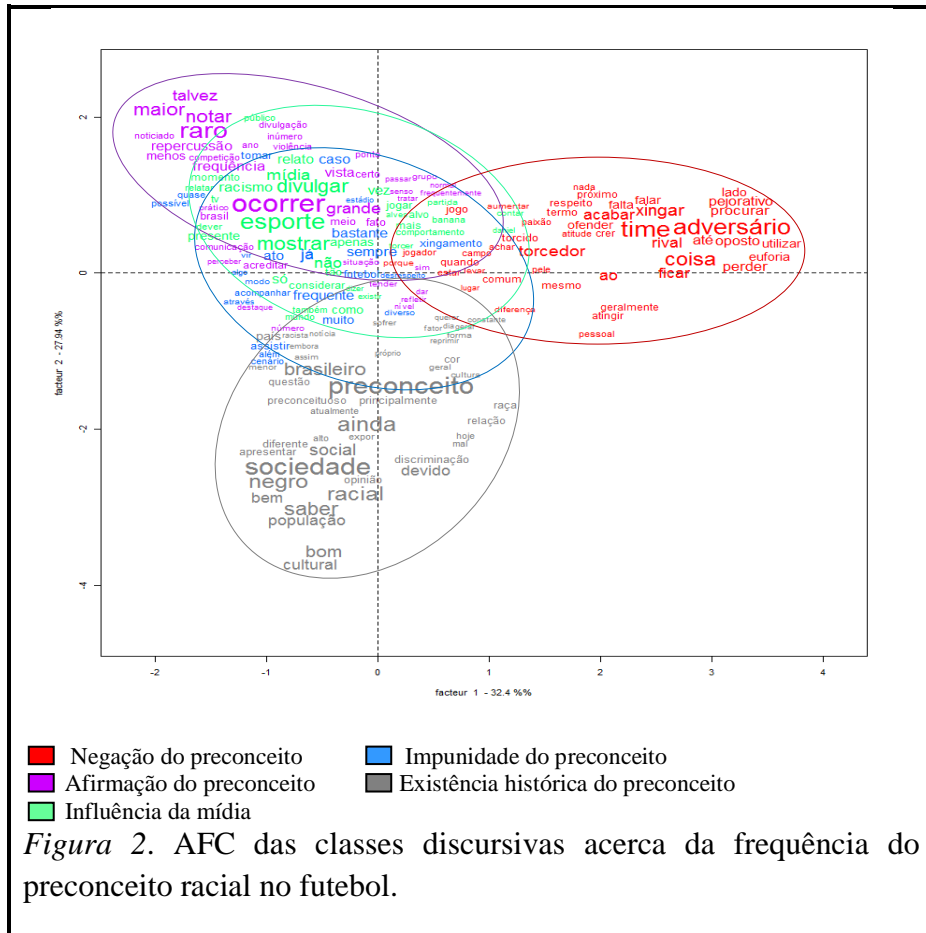
Por fim, a classe 2 denominada “**Existência Histórica do Preconceito**” refere-se ao aspecto histórico e cotidiano do preconceito racial no país. Os discursos demonstram que a miscigenação racial do país não é suficiente para suprimir o racismo, presente desde a colonização. Os discursos mais representativos desta classe são:

*“Vivemos em um país em que infelizmente o preconceito é algo comum [...] mesmo o Brasil sendo um país de maioria descendente negra”;*

*“Isso é um problema que ainda atinge diretamente a nossa população [...] o racismo está presente desde nossa origem colonial”.*

O Iramuteq também fornece uma análise fatorial de correspondência (AFC) na qual explana as relações espaciais entre as classes (Figura 2), demonstrando as aproximações e afastamentos entre as classes discursivas. Seguindo Doise (1990) sobre os princípios organizadores das tomadas de posição, analisaremos a partir dos eixos horizontais e verticais,

a lógica que organiza as classes fornecendo os parâmetros de aproximações e afastamentos desses discursos.



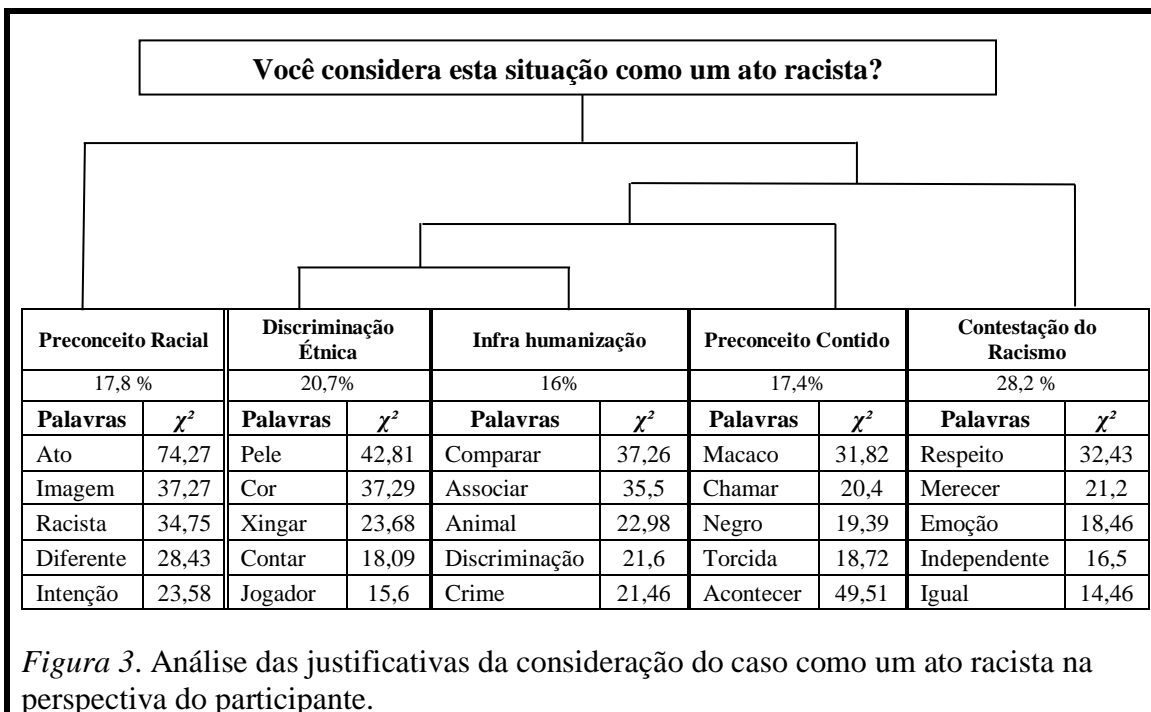
Ao analisar o plano fatorial observa-se que o eixo horizontal dividiu os discursos em função da ideia da existência e da não existência do preconceito. As classes 5 (Afirmação do Preconceito), 3 (Influência da Mídia), 4 (Impunidade do Preconceito) e 2 (Existência Histórica do Preconceito) apresentam a ideia de que o preconceito existe e que este é herança do período colonial, das relações desiguais entre os grupos e da impunidade da prática do racismo. Pode-se observar também que há uma sobreposição das classes 5, 3 e 4. Tal proximidade pode ser explicada pelo fato destas classes fazerem referência tanto à afirmação como à difusão midiática e impunidade do preconceito, partilhando a ideia de que este fenômeno é algo atual em nossa sociedade. Já a classe 1 (Negação do Preconceito) defende a ideia de que o preconceito, nesta

situação, não existiria, uma vez que o ocorrido se deu por causa da euforia proporcionada pelo jogo.

Por outro lado, o eixo vertical dividiu os discursos em função de o preconceito ser um fenômeno histórico ou atual. As classes 1 (Negação do Preconceito), 5 (Afirmação do Preconceito), 3 (Influência da Mídia) e 4 (Impunidade do Preconceito) referem-se ao preconceito como um fenômeno atual, uma vez que além de existir, ele é difundido por meio da mídia. A classe 2 (Existência Histórica do Preconceito) aponta a existência do preconceito como um fenômeno decorrente do período colonial, onde os negros eram tidos como mercadoria usada no regime escravocrata.

#### *Análise da resposta acerca do caso ser um ato racista*

Em relação à questão sobre o participante considerar o caso como um ato racista, 93,6% dos participantes consideraram um ato racista e apenas 6,4% responderam negativamente. A análise léxica da justificativa da percepção do racismo no futebol, após a redução dos vocábulos às suas raízes, proporcionou um total de ocorrências de 5330 palavras diferentes com 1115 formas distintas. Obteve-se um Número de Textos igual a 285 (UCI), repartidos em 289 Unidades de Segmento de Textos (UCE). A Classificação Hierárquica Descendente (CHD) demonstrou que a partição do corpus de análise apresentou cinco classes distintas (Figura 3). A classe 1 equivalente a 17,8% das UCEs, a classe 2 equivalente 20,7% das UCEs, a classe 3 referente a 16% das UCEs, a classe 4 representando 17,4% das UCEs, e a classe 5 referente a 28,2% das UCEs. Assim como na primeira análise as classes foram nomeadas de acordo com as interpretações das UCEs.



A classe 1 denominada “**Preconceito racial**” diz respeito aos insultos e provocações proferidas acerca da cor da pele de outrem. De acordo com os discursos, a manifestação de ofensas dirigidas a outro em função de sua cor de pele tem a intenção de depreciar e menosprezar a imagem do negro. Os discursos mais representativos desta classe são:

*“Referir a uma pessoa de maneira pejorativa com base na cor da pele do outro é um ato em si racista e discriminante”;*

*“A partir do momento que eu quero denegrir a imagem de uma pessoa simplesmente pela cor de sua pele isto pode ser considerado um ato racista”.*

A classe 2 denominada “**Discriminação Étnica**” refere-se aos conteúdos pejorativos dirigidos a outro em função de sua etnia. Os discursos indicam que essas ações são praticadas por pessoas que se consideram superiores e utilizam a humilhação verbal para afirmar essa suposta superioridade. Os discursos mais representativos desta classe são:

*“Sim, pois à medida que você humilha a imagem do outro menosprezando sua cor, cultura, religião, entre outros, se torna racista [...] já que quem pratica esse ato se acha superior ao outro”;*

*“Sim, porque muitas pessoas utilizam esse termo porque acham que os negros são inferiores aos da pele branca”.*

A classe 3 denominada “**Infra-humanização**” refere-se à associação do indivíduo a um animal como forma de discriminação. De acordo com os discursos ocorre uma desvalorização do ser humano na medida que este é comparado a um macaco. Neste sentido, expressões depreciativas têm como objetivo envergonhar e desonrar o indivíduo. Os discursos mais representativos desta classe são:

*“Eles estavam associando a palavra macaco de forma pejorativa para simbolizar um ser menos evoluído”;*

*“Porque é considerada uma ofensa a dignidade humana a comparação do homem a condição de animal”.*

A classe 4 denominada “**Preconceito Contido**” refere-se a diferença social entre os grupos de brancos e negros. Os discursos indicam que é comum se referir ao negro de maneira preconceituosa. No entanto, aparece nestes repertórios uma simplificação de ações preconceituosas uma vez que tais condutas são tidas como “racismos parciais”. Os discursos mais representativos desta classe são:

*“Como bem sabemos a expressão macacos aqui no Brasil atualmente se dá por algumas pessoas serem de cor negra [...] acontecendo então um racismo parcial”;*

*“Nem sempre trata-se de ato racista [...] dependendo do contexto mesmo que seja algo sem cabimento e desnecessário, acontece por falta de limites de saber o que é ético”.*

A classe 5 denominada “**Contestação do Racismo**” representa um discurso a respeito da igualdade entre as pessoas. No entanto, referir-se à situação como um ato racista é fazer uso inapropriado do termo. Neste sentido, seria adequado falar em falta de respeito. Os discursos mais representativos desta classe são:

*“Embora eu acredite que o termo racista não seja o mais apropriado [...] todos somos iguais e caráter não é definido pela cor da pele”;*

*“Pois devemos respeitar as pessoas independente da cor, raça, ou cultura”.*



ideias que remetem a desvalorização do negro, seja pela infra-humanização ou pela inferiorização do negro em relação ao branco.

Noutra perspectiva, a classe 5 (Contestação do Racismo) apresenta o discurso de que a igualdade é um direito que assiste a todos. Porém, ao fazerem referência à situação em tela, os discursos dos participantes apontam para uma inapropriação do termo racismo, o que indica que há uma não atribuição de preconceito racial aos comportamentos dos torcedores e uma não violação ao direito da igualdade de tratamento.

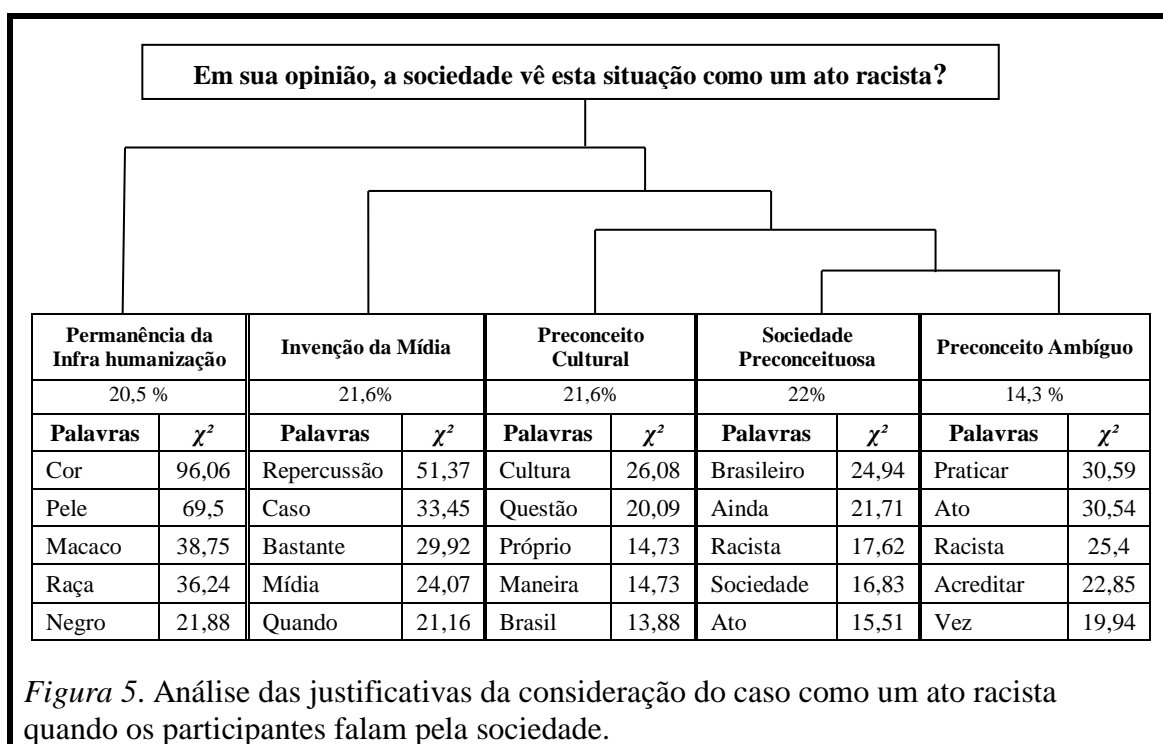
No que se refere ao eixo vertical, os discursos foram separados em função da intensidade da expressão do preconceito, opondo discursos que consideram as expressões como uma situação grave a discursos que minimizam essa gravidade. As classes 1 (Preconceito Racial), 2 (Discriminação Étnica), 3 (Infra humanização) fazem referência a existência do preconceito como sendo algo nefasto e com propósito de inferiorizar o grupo dos negros.

Já a classe 4 (Preconceito Contido), apesar dos discursos fazerem referência à maneira como os negros são tratados de forma preconceituosa, defendem a ideia de que tais manifestações preconceituosas não são tão graves. Neste sentido, há uma amenização da intensidade na expressão do preconceito. A classe 5 (Contestação do Racismo) em sua posição no eixo vertical encontra-se mais centralizada. Embora compartilhe de conteúdos de ambos os posicionamentos, aproxima-se mais dos significados da classe 4 por tender a uma atenuação da expressão do preconceito, minimizando a intensidade dessa expressão.

#### *Justificativa do caso como um ato racista para a sociedade*

Em relação à questão se a sociedade considera a situação como um ato racista, 84,2% respondeu afirmativamente, enquanto os demais 15,8% responderam que a sociedade não considera a situação como um ato racista. A análise léxica da justificativa dessa questão, após

a redução dos vocábulos às suas raízes, apresentou um total de ocorrências de 5287 palavras diferentes com 1189 formas distintas. Obteve-se um Número de Textos igual a 284 (UCI), repartidos em 286 Unidades de Segmento de Textos (UCE). A Classificação Hierárquica Descendente (CHD) demonstra que a partição do corpus de análise derivou cinco classes distintas (Figura X). A classe 5 equivalente a 20,5% das UCEs, a classe 1 equivalente 21,6% das UCEs, a classe 4 equivale a 21,6% das UCEs, a classe 2 representando 22% das UCEs, e por fim, a classe 3 equivalente a 14,3% das UCEs. As classes serão apresentadas seguindo a ordem da Classificação Hierárquica Descendente e nomeadas de acordo com as interpretações das UCEs.



A classe 5 denominada “**Permanência da Infra Humanização**” refere-se à comparação entre o negro e o macaco. De acordo com os discursos essa comparação advém de um histórico de preconceito praticado contra o negro. Neste sentido, utiliza-se a cor da pele

para sugerir que o negro e o macaco compartilham as mesmas características. Os discursos mais representativos desta classe são:

*“O negro é geralmente associado a uma raça inferior e a ligação com o macaco quer dizer que não tem inteligência suficiente”;*

*“Pois chamar alguém de macaco está relacionado às características de um macaco como a cor da pele”.*

A classe 1 denominada **“Invenção da Mídia”** faz referência à abordagem da mídia acerca dos casos de discriminação racial no futebol. De acordo com os discursos desta classe, a ênfase dada aos casos é que geram a noção de racismo. Desta forma o racismo não deriva das relações sociais entre brancos e negros, mas sim do produto de um artefato midiático. Os discursos mais representativos desta classe são:

*“A mídia difunde essa ideia como algo racista [...] trazendo à tona outros casos de racismo”;*

*“Sim porque na maioria das vezes quando ocorre uma situação assim a mídia cai em cima e leva em consideração como sendo racismo, assim as pessoas vêem a como a mídia mostra”.*

A classe 4 denominada **“Preconceito cultural”** refere-se à naturalização do preconceito em nossa sociedade. Neste sentido, o preconceito racial é visto como sendo algo comum, que faz parte da cultura brasileira e, portanto, é difícil de ser erradicado. Os discursos mais representativos desta classe são:

*“Há em nossa cultura uma tendência a classificar como uma brincadeira [...] sem maiores conseqüências”.*

*“É mais uma questão de moralismo do que racismo [...] o racismo está impregnado em nossa cultura”.*

A classe 2 denominada “**Sociedade Preconceituosa**” refere-se à ideia de que o preconceito racial é algo recorrente e está presente em todas as camadas da sociedade. Neste sentido, como faz parte do cotidiano do brasileiro, atos preconceituosos são frequentemente expressados de forma espontânea. Os discursos mais representativos desta classe são:

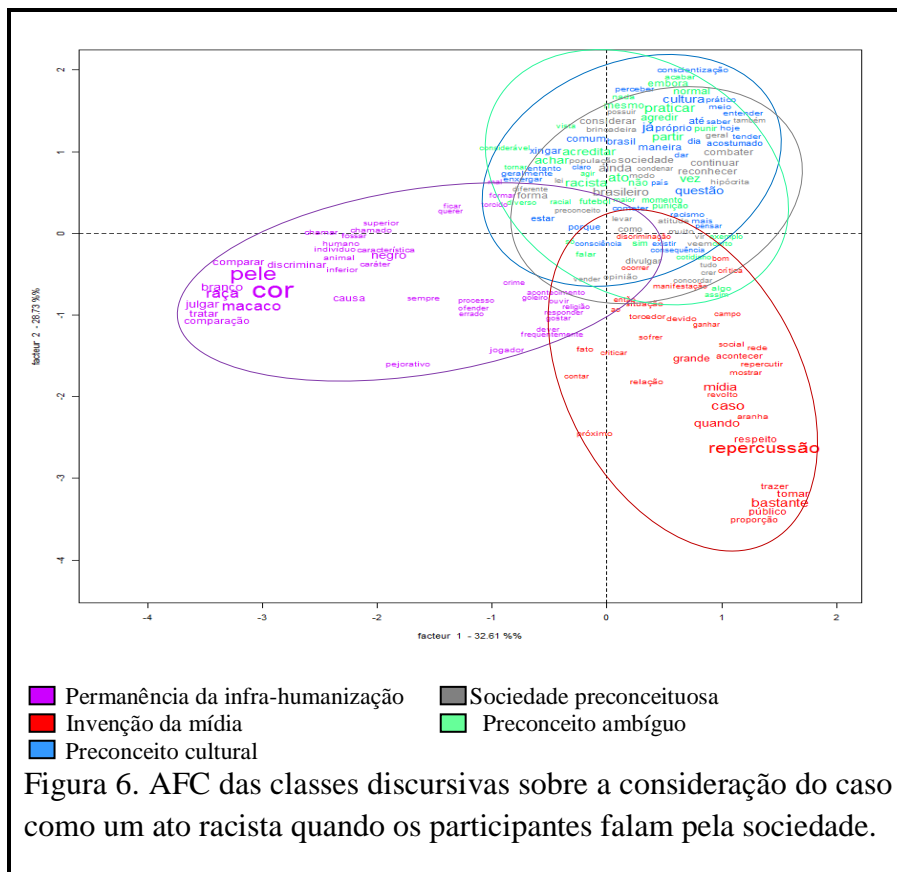
*“Pois isso ocorre com frequência tanto no esporte como no dia a dia”;*

*“Pois além da falta de esclarecimento da maior parcela da sociedade sobre o assunto é comum o fato disso acontecer em vários setores da vida social”.*

A classe 3 denominada “**Preconceito Ambíguo**” refere-se à prática do racismo de forma ambivalente, evidenciando tanto o combate como a negligência a atos considerados racistas. Os discursos apontam para a falta de consciência de parte da população. Entretanto, aborda a necessidade de enfrentamento desta situação. Os discursos mais representativos desta classe são:

*“É de consciência geral que estes insultos são atos racistas, porém isto não inibe a população de praticá-los”;*

*“Embora muitos achem que esta situação não contenha ato qualquer de discriminação étnica maior parte acredita que sim [...] mesmo que seja só de forma aparente”.*



Ao analisar o eixo horizontal pode-se observar que os discursos se organizam em torno dos argumentos usados para se referir ao preconceito sofrido pelos negros. A classe 5 (Permanência da Infra Humanização) tem como ideia principal o compartilhamento de características entre o negro e o macaco, evidenciando, desta forma, o *status* inferior do negro enquanto ser humano. Por outro lado, as classes 4 (Preconceito Cultural), 2 (Sociedade Preconceituosa) e 3 (Preconceito Ambíguo) têm como base os discursos que apontam o preconceito sofrido pelos negros como sendo algo cultural, que já é comum na sociedade brasileira.

Quando as respostas dos participantes são analisadas tendo como base o eixo vertical, os discursos podem ser categorizados em função da existência e não existência do preconceito. As classes 4 (Preconceito Cultural), 2 (Sociedade Preconceituosa), 3 (Preconceito Ambíguo) e 5 (Permanência da Infra Humanização) apresentam a ideia de que preconceito existe e que é

tanto um produto da diferença de raças, infra humanização, quanto um fenômeno comum da sociedade e cultura brasileira.

Contrária a esta ideia encontra-se a classe 1 (Invenção da Mídia) a qual apresenta os discursos que defendem que o preconceito em nossa sociedade não é devido às relações grupais, entre brancos e negros, por exemplo, mas que é um fenômeno construído e difundido pela mídia, de modo que se não houvesse tal divulgação, não haveria menções a tal fenômeno.

De um modo geral, as justificativas concernentes às três questões apresentam discursos semelhantes nos quais admitem a existência do preconceito racial na atitude do torcedor, mas ao mesmo tempo, relativizam a gravidade e as consequências dessa atitude na medida em que as vêm com um processo natural e inerente à própria sociedade brasileira. Diante disso, buscou-se verificar se estes posicionamentos seriam refletidos na atribuição de valor a uma suposta indenização pedida pelo jogador. Neste sentido, buscou-se verificar a associação entre a percepção do racismo e o valor da indenização. Para tanto, os participantes foram agrupados de acordo com o valor atribuído à indenização em duas categorias, baixo e alto, através do critério da mediana (Tabela 1).

Tabela 1.  
Relação entre a percepção do racismo e o valor da indenização.

Percepção do Racismo	Valor da indenização		Total (%)
	Baixo (%) ≤ R\$ 5.000	Alto (%) >R\$ 5.000	
Sim	42.4	51.2	93.6
Res. Ajus. Padronizados	-3.7	3.7	
Não	5.8	0.7	6.4
Res. Ajus. Padronizados	3.7	-3.7	

Total (%)	48.1	51.9	100
-----------	------	------	-----

$\chi^2 = 13,901$ ; gl = 1; p < 0.001

\* As diferenças significativas estão nas caselas cujos Resíduos Ajustados Padronizados são maiores que 1,96 ou menores que -1,96.

Os resultados demonstraram que dos 93,6% dos participantes que consideraram a situação como um ato racista, 42,4% atribuí à indenização um valor inferior ou equivalente a R\$ 5.000. Neste sentido, observa-se uma contradição no posicionamento dos participantes. Diante da oportunidade de uma reparação a uma suposta vítima de preconceito racial, os participantes atribuem valores bem abaixo do valor máximo possível, uma vez que esses valores variavam de R\$ 1.000 a R\$ 100.000. Essa contradição pode ser reflexo da dificuldade em perceber o preconceito racial como um problema grave em nossa sociedade.

### **Discussão e Considerações**

Diante desses resultados podemos observar que os discursos dos participantes, de um modo geral, admitem a existência do preconceito, mas ao mesmo tempo, negam a gravidade de atos preconceituosos no contexto do futebol. Essa contradição decorre das adequações dos discursos dos indivíduos nos contextos sociais (Wetherell & Potter, 1996). Embora os participantes considerem o caso como um ato racista (93,6%) e frequente na sociedade brasileira (63%), os seus posicionamentos em relação à atribuição do valor a indenização não apresentam uma total correspondência (Tabela 1), sugerindo que o preconceito racial no futebol não é algo tão grave.

No que se refere às justificativas para as demais questões, estas apresentaram algumas divergências no que se refere ao preconceito racial. Por um lado acredita-se que o preconceito

no futebol é reflexo de nossa sociedade, decorre de um histórico de discriminação do negro que vem ocorrendo desde a colonização e deve ser combatido. Por outro lado, o preconceito racial no futebol é visto de forma amena como uma expressão de emoções intrínseca à disputa. Neste sentido, os posicionamentos dos participantes frente a essa temática vão depender da forma como o preconceito é visto e como o negro é percebido socialmente por esses participantes.

Neste sentido, o discurso teria uma função social a partir da qual é construído, produzindo variações de acordo com o contexto em que está inserido, neste caso, o contexto do futebol. Desse modo, podem-se produzir diferentes discursos para um mesmo fenômeno ou objeto (Wetherell & Potter, 1996). Assim, podemos supor que, neste trabalho, alguns discursos como construções sociais que minimizam a gravidade de expressões preconceituosas, tendem a legitimar as desigualdades raciais entre brancos e negros.

Em contrapartida, o reconhecimento da existência do preconceito racial no futebol ajuda a desmistificar a ideia de que no contexto do futebol os xingamentos depreciativos com conteúdos referentes à cor é apenas um desabafo no momento da disputa. Numa sociedade que afirma ser uma democracia racial, reconhecer a existência do preconceito é fundamental para combater atitudes preconceituosas e práticas discriminatórias. O discurso não é apenas a expressão de um pensamento ou de um sentimento, mas é fundamentalmente a expressão de um posicionamento diante de um determinado contexto social, levando em consideração as construções categoriais inerentes a esse contexto.

Assim, as aproximações e oposições desses discursos se inserem no contexto simbólico das relações interraciais no Brasil, no qual a consciência da existência do preconceito não implica na auto-responsabilização por esta existência (Batista et al. 2014; Camino et al., 2001; Pereira et al., 2003). Neste sentido, os discursos acerca da discriminação do negro no contexto do futebol brasileiro refletem a maneira como o negro tem sido percebido na sociedade brasileira.

## **Considerações finais**

Este trabalho teve como objetivo analisar em que medida o preconceito racial no futebol medeia a relação entre o uso de agressões verbais e a concordância com ações judiciais que negam a existência do preconceito racial no futebol. Além disso, buscou-se analisar os discursos que as pessoas utilizam para se posicionarem diante de situações de preconceito racial no futebol e quais princípios organizam essa tomada de posição.

Os resultados demonstraram que a relação entre a agressão verbal e a concordância com o posicionamento do juiz ao retirar a acusação de injúria racial foi totalmente mediada pelo preconceito. Estes resultados indicam que, no contexto do futebol, as atitudes agressivas não são suficientes para explicar a concordância com o posicionamento do juiz. Todavia, esta concordância é explicada nesta relação pelo preconceito.

Da mesma forma, os resultados demonstraram que os discursos dos participantes, de um modo geral, admitem a existência do preconceito, mas ao mesmo tempo, negam a gravidade de atos preconceituosos no contexto do futebol. Pois, se para alguns participantes o preconceito existe baseado na percepção de que o mesmo é histórico, para outros participantes os xingamentos revelam expressões e sentimentos, que mesmo ofensivos, são percebidos como características do esporte e, portanto, não se constituiria preconceito em relação à cor do jogador. Assim, os posicionamentos acerca da discriminação do negro no futebol refletem a maneira como o negro tem sido percebido socialmente por cada participante.

Tomados em conjunto, estes resultados indicam que a manifestação do preconceito racial no futebol ocorre de forma flagrante, mesmo que expressões abertas de racismo não sejam desejáveis e sua prática formalmente proibida. Os indivíduos ao concordarem com o posicionamento do juiz, que retirou a acusação de injúria racial, parecem não ter consciência

que reforçam condutas de intolerância e infra-humanização referentes aos negros, em função de sua cor de pele.

Podemos supor que esta falta de clareza acerca das conseqüências sociais que tais posicionamentos acarretam para quem são alvo de preconceito e discriminação se deva em parte à dificuldade dos brasileiros em se auto-responsabilizarem pelo preconceito racial no país. De fato, as pessoas reconhecem a existência do preconceito racial, mas não se consideram preconceituosas (Camino et al., 2001; Pereira et al., 2003).

Obviamente que neste trabalho não se busca defender a individualização da responsabilidade por um fenômeno que está tão solidificado na sociedade. O objetivo não é utilizar de bodes expiatórios para tentar solucionar tais questões, mas refletir acerca das condições e contextos nos quais essas situações ocorrem.

Neste sentido, considera-se que perceber o preconceito racial no contexto do futebol não é suficiente para eliminar situações de preconceito e discriminação. Talvez o questionamento de papéis que organizam as relações de poder e que justificam as desigualdades sociais, bem como o papel dos valores para a estrutura deste fenômeno, auxilie no desenvolvimento de estratégias que possibilitem reduzir os efeitos nefastos do preconceito.

## Referências

- Abrahão, B. O. L. de, & Soares, A. J. G. (2009). O elogio ao negro no espaço do futebol: entre a integração pós-escravidão e a manutenção das hierarquias sociais. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 30(2).
- Allport, G. W. (1954). *The nature of prejudice*. Cambridge, MA: Addison-Wesley.
- Álvaro, J. L., Morais, T., Torres, A. R. R., Pereira, C. R., Garrido, A., Camino, L. (2015). The Role of Values in Attitudes towards Violence: Discrimination against Moroccans and Romanian Gypsies in Spain. *The Spanish Journal of Psychology*, v. 18, p. E63-12. DOI: 10.1017/sjp.2015.65.
- Bardin, L. (1986) *L'Analyse de contenu*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Baron, R. M. & Kenny, D. A. (1986). The moderator-mediator variable distinction in social psychological research: Conceptual, strategic, and statistical considerations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 51, 1173-1182. <http://dx.doi.org/10.1037//0022-3514.51.6.1173>.
- Barradas, M. S. S. & Lopes, O. G. (2013). Dribladores: passes e impasses do racismo no futebol carioca. *Mnemosine Vol.9, nº1, p. 245-263 – Artigos*. DOI INEXISTENTE.
- Batista, J. R. M., Leite, E. L., Torres, A. R. R., & Camino, L. (2014). Negros e Nordestinos: similaridades nos estereótipos raciais e regionais. *Psicologia Política*, 14 (30), 325-345.
- Brown, R. J. (2010). *Prejudice: its social psychology*. Malden, Massachusetts, USA: Blackwell Publishers Inc.
- Cabecinhas, R. (2008). Racismo e Xenofobia: a actualidade de uma velha questão. *Comunicação e Cidadania*, 2, 1886-8975. <http://hdl.handle.net/1822/9639>.
- Camargo, B. V. & Justo, A. N. (2013). Tutorial para uso do software de análise textual IRAMUTEQ. Recuperado de: <http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/tutoriel-en-portugais>.

- Camino, L. & Pereira, C. (2000). O papel da Psicologia na construção dos direitos humanos: análise das teorias e práticas psicológicas na discriminação ao homossexualismo. *Revista Perfil*, 13 (13), 49-69. DOI INEXISTENTE.
- Camino, L., Álvaro, J. L., Torres, A. R. R., Garrido, A., Morais, T. & Barbosa, J. (2013). Explaining Social Discrimination: Racism in Brazil and Xenophobia in Spain. *Spanish Journal of Psychology*, 16, e73, 1–13. Doi:10.1017/sjp.2013.65.
- Camino, L., Da Silva, P., Machado, A., Pereira, C. (2001). A face oculta do racismo no Brasil: uma análise psicossociológica. *Revista Psicologia Política*, 1(1), 13-36. DOI INEXISTENTE.
- Camino, L., Silva, P. & Machado, A. (2004). As novas formas de expressão do preconceito racial no Brasil: estudos exploratórios. In: M. E. O. Lima & M. E. Pereira (org.). *Estereótipos, preconceitos e discriminação: perspectivas teóricas e metodológicas*. (pp. 121-140). Salvador: Edufba.
- Camino, L., Tavares, T. L., Torres, A. R. R., Álvaro, J. L., & Garrido, A. (2014). University students' discursive repertoires about racial quotas in Brazilian public universities. *Psicologia & Sociedade*, 26(SPE), 117-128.
- Camino, L.; Gouveia, M. L.; Maia, L.; Paz, M. M. & Santos, M. L. (2013). Repertórios discursivos contemporâneos sobre as desigualdades raciais no Brasil: um estudo com estudantes paraibanos de pós-graduação. *Psicologia e Sociedade (Impresso)*, 25, 113-122.
- Cervi, T. de A. N. (2014). Intolerância e racismo no futebol: a racialização do outro. *ComCiência*, 159 Campinas Jun 2014. DOI INEXISTENTE.
- DaMatta, R. (1994). Antropologia do óbvio-Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. *Revista USP*, (22), 10-17.
- Daolio, J. (2000) As contradições do futebol brasileiro. Futebol: paixão e política. Rio de Janeiro: boletimef.org.
- Doise, W. (1990). Les représentations sociales. Em R. Ghiglione, C. Bonnet & J. F. Richard. *Traité de psychologie cognitive*, v. 3. Paris: Dunod, 111-174.

- Domingos, N. (2015). Uma sociedade vista do campo de futebol. Em: Castelo, C. & Cordão, M. *Gilberto Freyre: Novas leituras do outro lado do Atlântico*. São Paulo: EDUSP.
- Fernandes, F. (2015). *O negro no mundo dos brancos*. Global Editora e Distribuidora Ltda.
- Fernandes, S. C. S., Almeida, S. S. M. & Nascimento, C. B. S. (2008). Análise do preconceito racial em uma amostra de crianças brancas de 5 a 8 anos de idade. *Psico*, Porto Alegre, PUCRS, v. 39, n. 4, pp. 441-447, out./dez. DOI INEXISTENTE.
- Filho, M. R. (2003). *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad.
- Fleury, A. R., & Torres, A. R. (2007). Análise psicossocial do preconceito contra homossexuais. *Estudos de Psicologia*, 24, 475-486.
- Freyre, G. (1933). *Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. Lisboa: Edição Livros do Brasil.
- Giglio, S. S., Tonini, M. D., & Rubio, K. (2014). “Do céu ao inferno”: a história de Baiano no Boca Juniors e os racismos no futebol. *Projeto História*, São Paulo, n. 49, Abr. DOI INEXISTENTE.
- Guterman, M. (2013). *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país*. São Paulo: Contexto.
- Helal, R. (1997). *Passes e Impasses – Futebol e Cultura de Massas no Brasil*. Petrópolis: Vozes.
- IBGE (2014). *Síntese dos Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: Rio de Janeiro.
- Lima, M. O. & Vala, J. (2004). As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. *Estudos de Psicologia*, 9, 401-411. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2004000300002>.
- Lima-Nunes, A. V. de & Camino, L. (2011). Atitude Político-ideológica e Inserção Social: Fatores Psicossociais do Preconceito Racial? *Revista Psicologia & Sociedade*, 23(1).
- Munanga, K. (2007). Políticas de ação afirmativa em benefício da população negra no Brasil: um ponto de vista em defesa de cotas. *Sociedade e cultura*, 4(2).

- Pereira, C. R. & Vala, J. (2010). Discriminação justificada. In-Mind\_Português, 1, N.º 2-3, 1-13. DOI INEXISTENTE.
- Pereira, C. R., & Vala, J. (2010). Do preconceito à discriminação justificada. *In-Mind\_Português, 1*, 1-13. DOI INEXISTENTE.
- Pereira, C., Torres, A. R. R., & Almeida, S. T. (2003). Um estudo do preconceito na perspectiva das representações sociais: análise da influência de um discurso justificador da discriminação no preconceito racial. *Psicologia: reflexão e crítica, 16*(1), 95-107.
- Peucker, M. (2009). Racism, xenophobia and structural discrimination in sports. *European forum for migration studies (efms)*. Bamberg. [http://dx.doi.org/10.1007/978-3-531-91692-7\\_11](http://dx.doi.org/10.1007/978-3-531-91692-7_11)
- Preacher, K. J., & Hayes, A. F. (2004). SPSS and SAS procedures for estimating indirect effects in simple mediation models. *Behavior Research Methods, Instruments, and Computers, 36*, 717-731. <http://dx.doi.org/10.3758/bf03206553>.
- Preacher, K. J., & Hayes, A. F. (2008). Asymptotic and resampling strategies for assessing and comparing indirect effects in multiple mediator models. *Behavior Research Methods, 40*, 879-891. <http://dx.doi.org/10.3758/brm.40.3.879>.
- Ratinaud, P. (2009). IRAMUTEQ: Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires [Computer software]. Retrieved from <http://www.iramuteq.org>.
- Rodrigues, K. De C. (2013). Esporte e folkcomunicação: o futebol mostra a brasilidade. *RIF, Ponta Grossa/ PR Volume 11, Número 24*, p. 66-81, dez. DOI INEXISTENTE.
- Rubio, K. (2011). A psicologia do esporte e sua relação com o social. Em: Sônia Maria Guedes Gondim, Antônio Marcos Chaves (Orgs.). *Práticas e saberes psicológicos e suas conexões*. Salvador, UFBA.
- Santos, N., Capraro, A. M. & Lise, R. S. (2010). Racismo e a derrota que não foi esquecida: uma análise dos discursos de Mário Filho e da imprensa escrita acerca da final da Copa do Mundo de 1950. *Movimento, Porto Alegre, v. 16, n. 04*, p. 191-208, outubro/dezembro. DOI INEXISTENTE.

- Santos, T. C. (2014). A Campanha #somostodosmacacos de Neymar: uma reflexão sobre o racismo no futebol. São Paulo: Congresso Internacional de comunicação e consumo.
- Soares, A. J. G. (2001) História e Invenção de Tradições no Campo do Futebol. Em: Helal, R., Soares, A. J. G., & Lovisolo, H. R. (2001). *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad.
- Torres, A. R. R., Martignoni, T. V. L., & Oliveira, T. M. (2011). Contato, sentimentos intergrupais, identidade social e dívidas históricas: o caso dos indígenas em Goiás. Em Techio, E. M. & Lima, M. E. O. (Eds.), *Cultura e produção das diferenças: estereótipos e preconceitos no Brasil, Espanha e Portugal* (pp. 174-179). Brasília: Technopolitik.
- Turra, C., & Venturi, G. (1995). *Racismo Cordial: a mais completa análise sobre preconceito de cor no Brasil*. São Paulo: Ática.
- Wetherell, M., & Potter, J. L. (1996). El análisis del discurso y la identificación de los repertorios interpretativos. Em A. J. Gordo e J. L. Linaza (Eds.), *Psicologías, discursos y poder (PDP)*. Madrid: Visor.

## **Anexo**

## Instrumento



## Universidade Federal da Paraíba

**Caro Participante,**

Este trabalho faz parte de uma pesquisa a respeito da sociedade brasileira. Gostaríamos de contar com a sua colaboração respondendo sinceramente às questões que virão, entendendo que:

- **Não há respostas certas ou erradas**, responda rapidamente e não passe à questão seguinte sem ter respondido a anterior.
- Não deixe **nenhuma questão em branco**.
- Em caso de dúvida, **responda do modo que mais se aproxime de sua opinião pessoal**.

Em um jogo de futebol, o jogador de cor negra de um dos times foi alvo de diversos xingamentos por parte da torcida adversária. Os xingamentos faziam referência à cor de sua pele. Um torcedor foi flagrado gritando a palavra “macaco” para o jogador, juntamente com este torcedor um grupo de torcedores do mesmo time também gritava “uh, uh, uh” na direção do jogador.

Tendo essa situação em mente, responda as seguintes questões:

1 – O quanto **você** acha que esta situação é frequente no futebol brasileiro?

1	2	3	4	5	6	7
<b>Muito raro</b>						<b>Muito frequente</b>

Justifique sua resposta.

---

---

---

---

---

---

---

---

2 - **Na sua opinião**, esta situação pode ser considerada como um ato racista?

( ) Sim      ( ) Não

Justifique sua resposta.

---

---

---

---

---

---

---

---

3 - Na sua opinião, a **sociedade brasileira** vê esta situação como um ato racista?

( ) Sim      ( ) Não

Justifique sua resposta.

---

---

---

---

---

---

---

---

4 - O jogador que foi alvo dos xingamentos, por meio do seu advogado, entrou na justiça processando o torcedor identificado e pediu uma indenização financeira pelo ocorrido.

Você concorda que ele deve receber uma indenização financeira?

1	2	3	4	5	6	7
Discordo muito						Concordo muito

Caso você concorde com a indenização, qual o valor que ele deveria receber?  
Pela lei, a indenização pode variar entre R\$1.000,00 e R\$100.000,00 (mil e cem mil reais).

(Caso não esteja de acordo com a indenização, por favor, deixe em branco)

R\$ \_\_\_\_\_.

5 – Considerando que no contexto de uma partida de futebol os torcedores tendem a engrandecer o próprio time e depreciar o time adversário, indique o seu grau de concordância a respeito das afirmações abaixo.

a) No Futebol, quando um torcedor xinga um jogador do time adversário usando termos referentes a sua cor de pele sua intenção é atacar o time e não o jogador.

1	2	3	4	5	6	7
<b>Discordo muito</b>			<b>Concordo muito</b>			

b) No futebol, quando um torcedor xinga um jogador usando termos referentes a sua cor de pele ele não deve ser considerado racista.

1	2	3	4	5	6	7
<b>Discordo muito</b>			<b>Concordo muito</b>			

c) Numa partida de futebol, influenciado pelo contexto, qualquer pessoa poderia chegar a usar termos referentes à cor para se referir ao time adversário.

1	2	3	4	5	6	7
<b>Discordo muito</b>			<b>Concordo muito</b>			

d) Numa partida de futebol, influenciado pelo contexto, indique as chances de você xingar o time adversário.

1	2	3	4	5	6	7
<b>Discordo muito</b>			<b>Concordo muito</b>			

e) Numa partida de futebol, influenciado pelo contexto, você poderia chegar a usar termos referentes à cor de pele para se referir ao time adversário.

1	2	3	4	5	6	7
<b>Discordo muito</b>			<b>Concordo muito</b>			

6 – No caso referido, o torcedor identificado, juntamente com os outros torcedores acusados de terem sido preconceituosos, teve o processo suspenso. O juiz do caso retirou a acusação de injúria racial, e como alternativa ao julgamento, propôs que

os quatro torcedores deveriam se apresentar à delegacia antes de irem assistir por um período de 1 ano.

a) O quanto você concorda que o posicionamento do juiz é justificável?

1	2	3	4	5	6	7
Nada justificável			Muito justificável			

b) Se você estivesse no lugar do juiz faria a mesma forma?

1	2	3	4	5	6	7
Jamais faria			Certamente faria			

## 7 - Dados Sociodemográficos

Idade: \_\_\_\_\_.

Sexo:      Masculino ( )      Feminino ( )

Quanto a sua cor de pele, você se considera:

1	2	3	4	5	6	7
Branco			Negro			

Qual é a renda aproximada de sua família: \_\_\_\_\_.

Quanto à classe social, você considera sua família da classe:

( ) Baixa ( ) Média Baixa ( ) Média ( ) Média Alta ( ) Alta

Qual a sua universidade: ( ) Pública ( ) Privada

Qual o seu curso:\_\_\_\_\_.

**Muito obrigado!**

## **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Orientação para Alunos)**

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa é sobre o RACISMO NO ESPORTE: COMO AS PESSOAS PERCEBEM ESSE FENÔMENO e está sendo desenvolvida pela pesquisadora ANA RAQUEL ROSAS TORRES professora da PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL da Universidade Federal da Paraíba. Este estudo tem como objetivo verificar a percepção de estudantes universitários relativo à discriminação racial no esporte e sua relação com os valores.

Solicitamos a sua colaboração para responder a um questionário sobre racismo no esporte, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de saúde e publicar em revista científica. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não apresenta riscos aos participantes, pois se trata de um estudo de opinião.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano.

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

---

Assinatura do Participante da Pesquisa ou Responsável Legal